

Existem determinados jogos, como o futebol, o xadrez, que exigem um trabalho difícil e podem ser executados com a mais profunda seriedade e, por outro lado, existem certos trabalhos para cuja execução somos pagos, que nos produzem o maior prazer.¹⁶⁰

Até os jogos populares estão frequentemente ligados ao trabalho, principalmente no meio rural, e a passagem do trabalho para o jogo efectua-se através de uma fase transitória que pode ser denominada de experimental. Aqui, “o trabalho transforma-se em jogo quando o homem descobre no trabalho uma certa graça”¹⁶¹. O elemento comum é o divertimento, a alegria. Jogo é festa e ambos são instrumentos para transmitir valores culturais.

Cameira Serra, diz-nos que, efectivamente, um grande número de actividades rurais estiveram intimamente ligadas com a actividade lúdica, como por exemplo, nos intervalos das refeições, e no final do trabalho em que se realizavam jogos associados a determinadas tarefas do campo. “O desenvolvimento da maioria dos jogos tradicionais representava de um modo mais ou menos fiel as ocupações laborais da localidade, ou evidenciavam os valores que lhe estão inerentes”¹⁶². Neles se exprime a necessidade do lazer, a importância do trabalho transfigurado em prazer e em festa¹⁶³.

Então, “a situação ideal de aprendizagem é aquela em que a actividade é de tal modo agradável que aquele que aprende a considera como um trabalho e como um jogo”¹⁶⁴. Não foi por acaso que Montessori, Decroly ou Baden-Powell procuraram interessar a criança através do jogo e fizeram-na trabalhar a partir dele.¹⁶⁵ Por isso, na educação, o jogo e o trabalho produtivo encontram-se frequentemente associados e, sendo o jogo uma forma de vida para qualquer criança, tão necessário como o ar que respira, o ensino devia ter esse facto em consideração, perspectivando a aprendizagem como um acto que só beneficia através da dinamização das suas raízes lúdicas.

Jean Epstein,¹⁶⁶ refere que o jogo “é o alimento do desenvolvimento da criança”, seja jogado em casa, na rua, na escola, e que é sempre educativo, na medida em que a criança

¹⁶⁰ Constance Kamii, *a Teoria de Piaget na Educação Pré-escolar*, s.d.; Rizzi e Haydt op. cit. 1991.

¹⁶¹ In *Jogos Populares Portugueses - XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e cultura “Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento”*, 1983:3.

¹⁶² Cameira Serra *O Jogo e o trabalho (...)*, 2001:14. Tema igualmente abordado pelo autor, em 1998, in *Os Jogos Tradicionais em Portugal – As relações entre as práticas lúdicas e as ocupações agrícolas e pastoris*. O autor refere, que, nos meios rurais, há algumas décadas, os jogos tradicionais antecipavam, coexistiam ou sucediam aos trabalhos agrícolas colectivos e, por vezes se misturavam com eles.

¹⁶³ António Cabral, *Jogos Populares Portugueses*, 1998

¹⁶⁴ Kamii, op. cit. s.d.

¹⁶⁵ Martine Bousquet, *Theorie et pratique ludique*, 1984.

¹⁶⁶ Jean Epstein, psicólogo e fisioterapeuta, autor de publicações nos domínios da actividade lúdica e do desenvolvimento de crianças com necessidades especiais: “Le jeu enjeu”; “Histoires de petits-grands”, etc.,

joga por jogar, mas aprende por efeito do jogo. António Cabral, corrobora desta opinião, dizendo que a criança “só se desenvolve, jogando”¹⁶⁷.

Constatamos, portanto, que é na infância que se realizam as aprendizagens necessárias para a idade adulta e “toda a criança que não sabe jogar será um adulto que não sabe pensar”.¹⁶⁸ Isto porque o “jogo é uma actividade séria e importante, factor de construção, desenvolvimento e realização”¹⁶⁹.

Estudos recentes dizem-nos que “privado de um ambiente estimulante, o cérebro de uma criança sofre. E sofre de tal forma que aquelas que raramente são acariciadas ou brincam muito pouco desenvolvem cérebros 20 a 30% mais pequenos do que seria normal para a sua idade”¹⁷⁰. Experiências feitas com ratinhos de laboratório, mostram-nos que os ratinhos criados em caixas onde há brinquedos têm até 25% mais de sinapses¹⁷¹ por neurónio do que outros criados em caixas vazias e desinteressantes, ou seja, “experiências ricas, produzem cérebros ricos”. Também Glenys Carter partilha esta perspectiva, dizendo-nos o seguinte:

“Quando as crianças são privadas de brincar, torna-se-lhes muito difícil aprenderem por si mesmas a relacionarem-se com o mundo, desenvolvendo as capacidades para pensar; aprenderem a diferença entre fantasia e realidade, bem como a enfrentar os seus medos e a desenvolverem as capacidades sociais de cooperação que são vitais para a vida adulta”¹⁷².

Janine Lévy foi mais longe, afirmando que uma criança que não brincasse “estaria morta psicologicamente”¹⁷³. Neste contexto, Piaget, que defende uma concepção evolucionista e biológica do jogo, refere que os educadores se devem preocupar, em primeiro lugar, a encorajar a utilização da inteligência e da iniciativa através do jogo espontâneo, porque este dá às crianças uma razão intrínseca para o exercício da sua inteligência e da sua curiosidade, embora não se deva verificar uma intervenção demasiado acentuada por parte do

numa comunicação apresentada na Acção de Formação “O jogo e o desenvolvimento da criança- construção de referências na criança”, realizada no Instituto de Apoio à Criança, nos dias 4 e 5 de Junho de 1997, em Lisboa.

¹⁶⁷ Cabral *O Jogo no ensino*, 2001:41.

¹⁶⁸ Chateau, *A criança e o Jogo*, 1975.

¹⁶⁹ José Pires e Gláucia Pires, “Actividade Lúdica e Aprendizagem” 1992:389; Vayer e Roncin op. cit. 1993.

¹⁷⁰ Madeleine Nash, “Pequenos grandes génios”, 1997.

¹⁷¹ “ Durante os primeiros anos de vida, o cérebro passa por uma série de alterações extraordinárias. Pouco tempo depois do nascimento e numa demonstração de exuberância biológica, produz mais biliões de ligações entre neurónios do que aquelas que poderá alguma vez utilizar. Depois, a partir dos dez anos ou um pouco antes elimina as ligações - sinapses - que raramente ou nunca são usadas, deixando uma mente cujos padrões de emoção e de pensamento são, para o bem e para o mal, únicos.” (Nash, 1997:59).

¹⁷² Cfr. *Brincar – Arte e Prazer para todos*, 1993:10.

¹⁷³ Op. cit., 1985:53.

adulto¹⁷⁴. A sua função será “sugerir-lhe ideias ou iniciá-la na brincadeira”¹⁷⁵ e não uma atitude fundamentalmente de dirigir, porque, para a criança, o jogo e a brincadeira têm uma importância vital, apresentando caracteres que o opõem fundamentalmente à actividade dirigida¹⁷⁶.

Tendo-nos referido à actividade espontânea e à actividade dirigida, surge-nos uma questão entre aquilo que é o *brincar* e aquilo que é o *jogar*, porque, embora estes termos sejam usados indistintamente, não parecem ser exactamente iguais no seu significado. Bettelheim¹⁷⁷ diz-nos que enquanto brincar corresponde a um estágio mais precoce, cujas actividades são isentas de regras, a não ser aquelas que a própria criança inventa e que podem ser modificadas continuamente em função da sua imaginação e, isentas de igual modo, de qualquer fim, a não ser a actividade em si, jogar é uma actividade geralmente competitiva, com regras aceites pelos jogadores e muitas vezes impostas do exterior, onde não estão previstas grandes alterações fantasiosas. Aqui, o objectivo é, normalmente, ganhar e a título de exemplo este autor conta-nos que uma criança em presença de um jogo com o qual ainda não estava familiarizada, perguntou: “Este jogo é a brincar, ou é para ganhar?”

Da mesma opinião é Catherine Garvey¹⁷⁸ que nos diz que “brincar não tem objectivos extrínsecos” e é uma actividade espontânea e voluntária, ao passo que jogar é uma actividade com regras, competitiva. No jogo livre, espontâneo, ou seja, na brincadeira, a criança está totalmente entregue à actividade. Nada a domina, ninguém a fiscaliza nem a dirige; está, por isso, livre de qualquer pressão. Pelo contrário, no jogo organizado a liberdade de jogar é mais restrita¹⁷⁹, pois ela não pode infringir a regra.

Segundo uma classificação de Sutton-Smith¹⁸⁰, as características da brincadeira e do jogo, são as seguintes:

¹⁷⁴ Apud Cunha, op. cit. 1994; Theo Lautwein e Maria Sack, *O desenvolvimento Físico da Criança*, 1977; Santos, op. cit. 1990.

¹⁷⁵ Bettelheim, op. cit. 1994:302.

¹⁷⁶ Vayer e Roncin, op. cit. 1993.

¹⁷⁷ Op. cit. 1994.

¹⁷⁸ Cfr. *Brincar*, 1979.

¹⁷⁹ Nicanor Miranda, *200 Jogos infantis*, 1993.

¹⁸⁰ “The metaphor of games in social science research”, 1986: 35-65.

Brincadeira:

- Informal
- Sem preocupações de organização
- Predominantemente numa perspectiva de colaboração rotineira
- Agrega a participação individual

Jogo:

- Formal
- Organizado e regulado
- Essencialmente competitivo
- Papéis distribuídos
- Equipas.

Também Roger Caillois¹⁸¹ considera que as práticas lúdicas tendem para dois pólos opostos: a *paidia* (da turbulência e da pouca regulação) e o *ludus* (da seriedade e da regulação). Poderemos, pois, considerar a *paidia* como a brincadeira e o *ludus* como jogo.

E, embora na maioria dos países, o vocábulo para distinguir “brincar” e “jogar” seja só um, como *to play* e *jouer*, por exemplo, há quem insista no facto de que há duas espécies de jogos, como é o caso de Winnicot.¹⁸² Ele afirma que o jogo que obedece a regras precisas é designado por *game*, enquanto o jogo criativo, que obedece apenas à imaginação e à inspiração do momento, é denominado por *playing*. Também Catherine Garvey¹⁸³ define *play* como actividade lúdica informal e *game* como actividade lúdica institucionalizada.

Tendo consciência de que entre uma actividade e outra podem existir grandes diferenças, poderemos referir que há uma relação entre a actividade livre da brincadeira e a actividade estruturada do jogo, existindo actividades que têm características de uma e de

¹⁸¹Roger Caillois, *Os Jogos e os Homens (...)*, 1990.

¹⁸²Apud, Vayer e Roncin, 1993.

¹⁸³Op. cit., 1979.

outro¹⁸⁴. Esta relação poderá traduzir-se no prazer e nos benefícios no domínio do desenvolvimento que ambos proporcionam à criança. Os jogos com regras, limites, restrições, facilitam a integração da criança na sociedade. Efectivamente, como defendem Iturra e Reis “o jogo é um texto onde se aprende a fabricar o código das relações sociais indispensável para a fabricação do quotidiano”¹⁸⁵.

Para além de conduzir a criança a uma adaptação social¹⁸⁶, ajudando-a a dominar-se, a relacionar-se e compreender os outros, a desenvolver a solidariedade, a partilha, o respeito, a responsabilidade,¹⁸⁷ é, também, fonte de alegria, de prazer, através do factor risco, das consequências de transgredir os limites, do permitido ou do possível.¹⁸⁸

Assim, “é indiscutível que o jogo deve ser definido como uma actividade livre e voluntária, fonte de alegria e divertimento”¹⁸⁹.

Ferran et al.¹⁹⁰ acrescentam que a finalidade do jogo é, essencialmente, proporcionar prazer, ainda que tenha algumas consequências psicossociológicas. E dar prazer e favorecer o desenvolvimento da criança é aquilo que a brincadeira lhe proporciona. Nylse Cunha¹⁹¹ diz-nos que, por um lado, brincar dá felicidade à criança, por outro, desenvolve-a, exercitando as suas potencialidades. Ela aprende com prazer pela aquisição do conhecimento, desenvolve a sociabilidade e prepara-se para o futuro.

Acentuando a importância desta actividade, vários organismos, dentre os quais destacamos a Organização das Nações Unidas e, em Portugal, o Instituto de Apoio à Criança¹⁹², intervêm junto da sociedade actual, numa tentativa de fazer reconhecer e cumprir esse direito que assiste à criança, que é o direito de brincar.

A Organização das Nações Unidas elaborou em Nova Iorque, no dia 20 de Novembro de 1989, um documento jurídico, ratificado posteriormente por Portugal - *A Convenção sobre os Direitos da Criança* - que, no artigo 31º, refere o seguinte:

¹⁸⁴ Não esqueçamos que, mais que práticas, o jogo e a brincadeira são atitudes mais ou menos diferentes, com maior ou menor afastamento entre si.

¹⁸⁵ Op. cit., 1990:24.

¹⁸⁶ Silva e Morais, *Jogos Tradicionais Portugueses*, 1967; Dufoyer op. cit. s.d.; Lautwein e Sack op. cit. 1977.

¹⁸⁷ In *Programa de Formação de Educadores*, 1996.

¹⁸⁸ Garvey, op. cit. 1979.

¹⁸⁹ Caillois, op. cit. 1990:26.

¹⁹⁰ Op. cit. 1979.

¹⁹¹ Op. cit. 1994.

¹⁹² Que representa, no nosso país, as associações internacionais que defendem o direito de brincar: IPA - Associação Internacional para o Direito da Criança Brincar; IFLA - Associação Internacional de Ludotecas.

- 1- “Os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.
- 2- Os Estados Partes respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de actividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade”¹⁹³.

O Instituto de Apoio à criança inclui, desde o início da sua criação, em 1983, um programa - A Actividade Lúdica - especialmente destinado à defesa do art.31º da Convenção dos Direitos da Criança, “Direito de Brincar da Criança”. Este organismo refere que brincar é de uma importância vital para a criança, a par das suas necessidades básicas, de amor e de afecto e é, também, “o prazer de estar livre, para descobrir novos significados, encontrar novas soluções, transmitir novas mensagens, criar novos afectos.” É, pois, “uma linguagem universal, facilitadora de vivências em comum”¹⁹⁴.

A acção da IPA situa-se no plano consultivo, aconselhando governos e agências das Nações Unidas sobre assuntos que tenham a ver com a defesa do Direito de Brincar, assentando nos seguintes princípios:

- As crianças são a base em que assenta o futuro do mundo.
- As crianças sempre brincaram, ao longo da história e em todas as culturas.
- Brincar, a par da satisfação das necessidades básicas de nutrição, saúde, habitação e educação, é uma actividade fundamental para o desenvolvimento das capacidades potenciais de todas as crianças.
- Brincar é comunicação e expressão, associando pensamento e acção.
- Brincar é um acto instintivo voluntário e espontâneo. É uma actividade natural e exploratória.
- Brincar ajuda as crianças no seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social.

¹⁹³ In *Convenção sobre os Direitos da Criança*, cadernos do IAC, Instituto de Apoio à Criança, Nº 1, Lisboa, 1995:12.

¹⁹⁴ In *Folheto informativo*, Actividade Lúdica, Instituto de Apoio à Criança, Lisboa, 1996. A sua acção situa-se no plano da actividade lúdica através da realização de acções de formação, encontros, seminários, acompanhamento técnico de projectos, orientação e acompanhamento de estágios, organização e divulgação de documentação sobre a actividade lúdica e análise, catalogação e classificação de jogos e brinquedos.

- Brincar é um meio de aprender a viver e não um mero passatempo ¹⁹⁵.

Assim sendo, Natália Pais afirma que:

“(...) e porque é agradável, porque diverte, porque favorece a evasão, porque é imprescindível à saúde mental das pessoas e dos grupos - Brincar - conseguir o equilíbrio entre a liberdade e o prazer sem cair na alienação ou no vício, é, na verdade, uma coisa muito séria” ¹⁹⁶.

Em jeito de conclusão, diremos que o jogo, actividade fundamental na vida de todas as pessoas é, como a linguagem, uma constante filosófica, sociológica, antropológica e pedagógica, e esta constante, de especial relevo, encontramos-la em todas as etapas de cada civilização. Independentemente da perspectiva em que seja abordado o jogo, o brincar, a actividade lúdica, as noções fundamentais que dela sobressaem são: acção, criação, liberdade e prazer.

¹⁹⁵ In *Declaração da IPA sobre a criança e o direito de brincar*, Instituto de Apoio à Criança, Lisboa, s.d.. Esta Instituição também organiza conferências, simpósios, congressos, viagens de estudo, oficinas.

¹⁹⁶ Pais, op.cit. 1992:373.

1.1. PORQUE BRINCAM E JOGAM AS CRIANÇAS

*Pássaros que não sabem cantar,
Cavalos que não sabem saltar,
Crianças que não sabem brincar,
São ou não são
Criaturas de estranhar?*¹⁹⁷

Como vimos no ponto anterior, uma questão que tem suscitado o interesse de diversos autores é o estudo do jogo e, conseqüentemente, perceber porque é que as crianças brincam.

É visível que antropólogos, psicólogos e especialistas da comunicação, partindo de perspectivas diferentes e quase sem terem conhecimento uns dos outros, cheguem a conclusões análogas.

Para Huizinga, o jogo está ligado à natureza das culturas. Segundo este autor, a cultura, as artes e as instituições surgiram a partir do jogo ou, pelo menos, foram no seu início, jogadas.¹⁹⁸ Cameira Serra¹⁹⁹ acrescenta ainda a esta perspectiva os nomes de Caillois e Grandjouan.

Para Bruner, Claparède ou Piaget²⁰⁰, o jogo tem um importante papel no desenvolvimento do pensamento da criança, precedendo a linguagem e sendo uma força de socialização. Para Duke, o jogo é um meio privilegiado de comunicação, que deverá permitir explorar a complexidade do mundo moderno.

¹⁹⁷ Ilse Losa, *Antologia Diferente - De que são feitos os sonhos*, s.d.:87.

¹⁹⁸ Huizinga, *Homo Ludens*, 1951.

¹⁹⁹ Serra, *Desenvolvimento Motor Jogo e contexto cultural*, 1992.

²⁰⁰ Bruner, "Jeu, pensée et langage", 1986; Claparède, op. cit. ; Piaget, op. cit.

Nestes três casos, o lúdico encontra-se associado à criação do pensamento, ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação e à evolução de esquemas socializantes.²⁰¹

Mas o estudo do jogo não se limita a estes aspectos, referindo-nos Cameira Serra²⁰² que tem havido ainda uma grande preocupação em compreender o papel do jogo no que respeita à aprendizagem²⁰³ e à idade²⁰⁴.

Roger Caillois²⁰⁵ classificou os jogos mediante quatro estruturas lúdicas que originaram os seguintes tipos de jogos: competição (*agôn*), sorte (*alea*), simulacro (*mimicry*) e vertigem (*ilinx*). Em contrapartida, a classificação de Jean Chateau assemelha-se, de alguma forma, à classificação de Piaget²⁰⁶. Este optou por uma análise estrutural, utilizando, anteriormente, os seguintes procedimentos: observou e registou os jogos que as crianças faziam na escola, em casa, na rua, tentando relacionar o maior número possível de jogos infantis, e analisou as classificações já existentes, aplicando essas tipologias conhecidas à lista de jogos recolhidos. Adoptando como critério classificativo o grau de complexidade mental, verificou que existem três grandes tipos de estruturas que caracterizam os jogos infantis, permitindo estes por sua vez a construção do conhecimento.

Assim, temos as seguintes estruturas lúdicas: *exercício*, *símbolo* e *regra*. Os jogos de exercício, simbólicos e de regras correspondem a três períodos caracterizados pelas formas sucessivas da inteligência: sensório-motora, representativa e reflectida.

Aqueles que defendem as diversas correntes da psicologia concordam com esta linha evolutiva, divergindo, apenas, no que se refere à terminologia: assim, aquilo a que Jean Piaget chama *jogo de exercício* ou sensório-motor, Bühler e Jean Chateau, atribuem a designação de *jogo funcional*, enquanto Stern denomina “jogo de conquista do próprio corpo e das coisas”. O que na teoria de Piaget é denominado jogo simbólico, Bühler designa-o como jogo de ficção, enquanto Chateau o designa por jogo de imitação. Aquilo a que Piaget chama o jogo de regras, Bühler classifica-o como “jogos colectivos”²⁰⁷.

²⁰¹ Bousquet, op. cit. 1984.

²⁰² Op. cit. 1992.

²⁰³ Claparède, Bousquet e Michelet.

²⁰⁴ Chateau, Erikson e Wallon. Também Rizzi e Haydt nos referem outros autores, para além dos mencionados, que tentaram explicar a origem dos jogos, apresentando uma alternativa de classificação: Karl Groos, Quérat, Stern, Bühler.

²⁰⁵ Op. cit. 1990.

²⁰⁶ Baseada na classificação de jogos de Piaget, Denise Garon, (1985), da Universidade do Québec propõe uma curiosa classificação de brinquedos designada por Sistema ESAR (Exercício, Simbólico, Acoplagem e Regras) que, conjuntamente com a tipologia de Borja Solé é a mais utilizada nas Ludotecas Portuguesas.

²⁰⁷ Rizzi e Haydt, op. cit. 1991. No entanto, embora surjam numa evolução cronológica, tal não significa que, ao aparecer o símbolo termine o exercício e que o jogo de regras extinga os jogos simbólicos.

Como se pode verificar, existem três fases fundamentais na actividade lúdica que explicam e caracterizam a evolução do jogo na criança, de acordo com as suas fases de desenvolvimento. Contudo, estas três fases podem coexistir paralelamente no adulto²⁰⁸.

Numa primeira fase, surge a actividade sensório-motora, que ocupa o período que vai desde o nascimento estendendo-se através do segundo ano de vida, quando a criança está a adquirir activamente o controlo dos movimentos e a aprender a coordenar os gestos com a percepção dos efeitos dos mesmos. Neste período, jogar ou brincar é repetir e variar os movimentos, tendo valor exploratório. “Começa antes que se perceba que é um jogo e consiste a princípio na exploração por repetição de percepções sensuais, de sensações cinestésicas, de vocalizações, etc.”²⁰⁹.

A criança sente prazer ao experimentar o mundo do tacto, da visão e do som. E embora estes exercícios constituam a fase inicial do jogo na criança, eles não são específicos desta etapa de desenvolvimento. Voltam a aparecer durante toda a infância e surgem, mesmo no adulto, “sempre que um novo poder ou uma nova capacidade são adquiridos”²¹⁰. Uma criança que descubra a possibilidade de baloiçar um objecto suspenso, reproduz em primeiro lugar esta acção para se adaptar a ela e tentar compreendê-la. Não sendo ainda jogo, passa a sê-lo quando utilizar essa conduta por simples “prazer funcional”, pelo prazer de “ser causa e afirmar um saber recentemente adquirido”. Esta acção assemelha-se à do adulto que experimenta um automóvel novo ou um aparelho de televisão²¹¹.

É uma fase que ultrapassa, pois, os primeiros anos da infância.

A actividade simbólica ou representativa é a segunda fase, que predomina dos dois anos até cerca dos seis. Durante este período, a criança adquire a capacidade de codificar a sua experiência em símbolos. Recorda as imagens dos factos e brinca com os símbolos jogando ao faz-de-conta.

“Brincar ao faz-de-conta é experimentar-se, pôr-se à prova na acção. A criança faz de conta, isto é, traduz por gestos e pela linguagem uma representação das coisas e dos seres. A esse nível, liberta-se da sua função inicial com o mundo ambiente e com os outros. Avança para o conhecimento do mundo e para a descoberta de si próprio, já que o mundo se objectiva e o seu Eu se delinea (...)”²¹².

²⁰⁸ Idem, *ibidem*.

²⁰⁹ Erikson, *Infância e sociedade*, 1976:203.

²¹⁰ Piaget, apud Rizzi e Haydt op. cit.1991:12.

²¹¹ Piaget e Inhelder, *A Psicologia da criança (...)*, 1979 e Rizzi e Haydt op. cit.1991.

²¹² Jenner, apud Ferreira op. cit.1989:41.

Este jogo desenvolve-se a partir de esquemas sensório-motores que, à medida que são interiorizados, dão origem à imitação e posteriormente à representação. A criança entra num mundo de faz-de-conta, realizando sonhos e fantasias, revelando conflitos interiores, medos e angústias, aliviando a tensão e as frustrações. A este propósito, Piaget e Inhelder²¹³ referem que o jogo simbólico assume uma função principal na vida da criança, na medida em que apoiando-se, muitas vezes, em conflitos inconscientes, como, por exemplo, interesses sexuais, defesa contra a angústia, fobias, agressividade ou identificação com agressores, recuos por medo do risco ou competição, constitui a melhor forma de se poder adaptar ao mundo social dos adultos, cujos interesses e regras são para ela estranhos, e a um mundo físico do qual ela pouco compreende, tendo dificuldade em satisfazer as necessidades afectivas e intelectuais do seu Eu nessas adaptações. Por isso, é imprescindível ao equilíbrio afectivo e intelectual da criança, que ela tenha ao seu alcance “um sector de actividade cuja motivação não seja a adaptação ao real mas, pelo contrário, a assimilação do real ao Eu, sem coacções nem sanções”. É por este motivo que os autores referem que “o jogo simbólico assinala, sem dúvida, o apogeu do jogo infantil”²¹⁴.

Por último, Piaget define os jogos de regras, que começam a surgir por volta dos cinco anos mas que se desenvolvem simultaneamente com o trabalho escolar, numa fase que vai dos 7 aos 12 anos, predominando, contudo, durante toda a vida do indivíduo no desporto, no xadrez e nos jogos de cartas, por exemplo. É o período em que a criança começa a compreender certos conceitos sociais de cooperação e competição e começa, igualmente, a ser capaz de trabalhar e pensar mais objectivamente, podendo envolver-se em actividades de grupo ou equipa. Nesta linha o autor escreve:

“Os jogos de regras são jogos de combinações sensorio-motoras (corridas, jogos de bola de gude ou com bolas, etc.) ou intelectuais (cartas, xadrez, etc.), em que há competição dos indivíduos (sem o que a regra seria inútil) e regulamentados por um código transmitido de geração, quer por acordos momentâneos”²¹⁵.

Este tipo de jogo é caracterizado por um conjunto de leis que são as regras do jogo e que supõe relações sociais ou interindividuais, na medida em que o não cumprimento da regra imposta é considerada falta. Por isso, este jogo pressupõe a existência de parceiros,

²¹³ Op. cit. 1979.

²¹⁴ Idem, *ibidem*, 1979:67.

²¹⁵ Piaget, apud Rizzi e Haydt, op. cit. 1991:13.

assim como de determinadas obrigações que são comuns, conferindo-lhe, portanto, uma função eminentemente social.

Verificamos, pois, que o jogo na criança é, inicialmente, egocêntrico e espontâneo, tornando-se cada vez mais uma actividade social, na qual as relações interindividuais são fundamentais.

Jean Epstein²¹⁶ refere nos seus estudos mais recentes de neurofisiologia e psicologia que é necessário que as crianças adquiram as aprendizagens fundamentais, para que possam ter um desenvolvimento equilibrado e harmonioso. Não adquirindo estas aprendizagens, podem ocorrer situações patológicas, situações de grande violência.

Ele aponta nove factores como causas desta não aprendizagem e refere que o jogo é a principal medida de prevenção, sendo, prioritário que os jogos propostos respondam a esses mesmos factores:

1. Dúvida. Culpabilidade;
2. Tempos - livre; *zapping*;
3. Pólos de interesse
4. Ritmos - de desenvolvimento; de vida;
5. Território;
6. Limites - proibições; regras;
7. Referências/ a eles próprios;
8. Responsabilidade pelos actos. Real \neq Virtual;
9. Morto/Vivo.

Em primeiro lugar, ele verificou que todas as crianças com tendência para a violência sobre os outros ou sobre si mesmas, tinham perdido confiança e tinham sentimentos de culpa. Eram crianças colocadas em situação de competição muito cedo, comparadas a outras e “parentalizadas”, ou seja, os pais demitiam-se das suas funções, delegavam-nas nos filhos, tornavam-nos seus confidentes (pais separados, por exemplo). Aqui, o jogo deve dar confiança à criança, ensiná-la a que nem sempre se ganha mas que nem sempre se perde. É importante valorizar o jogo, porque as aprendizagens escolares estão sempre valorizadas.

²¹⁶ Epstein, op.cit., 1997.

Neste âmbito, Jorge Senos²¹⁷ diz-nos que sendo a agressividade um elemento sempre presente nas actividades da criança, deve existir uma preocupação por parte do adulto, com o objectivo de permitir à criança ultrapassar comportamentos inadaptados ao funcionamento e em relação ao grupo. Para permitir a aquisição de capacidades fundamentais ao desenvolvimento equilibrado, o autor considera a necessidade de tornar mais acessível a relação da criança com o seu meio, de forma a tentar eliminar a culpabilidade que lhe é inerente. A este propósito Pierre Dufoyer diz que: “o jogo é um meio de libertar o potencial interior da sua agressividade inata, recalcada por todas as inibições impostas pela autoridade ou pela prudência dos adultos”.²¹⁸

Em segundo lugar, Epstein refere-se às crianças que não sabem gerir o seu tempo livre. É o caso das crianças abandonadas a elas próprias, que têm excesso de tempo livre, que fazem o que querem e quando querem: comer, dormir, ir à escola, etc.. Por outro lado, isto verifica-se igualmente quando as crianças têm actividades a mais, o tempo demasiadamente ocupado e, sobretudo, nunca fizeram aquilo de que gostavam, mas sim aquilo que os pais gostavam. Quando se encontram sozinhas, estas crianças habituadas a dirigirem-lhe tudo, não sabem o que fazer, saltitam de actividade para actividade (é o chamado *zapping*). É necessário, pois, utilizar actividades das quais as crianças gostem e igualmente dedicar-lhes tempo e valorizá-las.

Em relação à ausência de pólos de interesse, devemos tentar procurar o que é que poderá interessar às crianças; para lhes propormos determinadas actividades, deverão ser práticas que nos dêem prazer a nós. Só assim lhes poderemos transmitir o nosso entusiasmo.

No que diz respeito à noção de desenvolvimento, importa referir que cada criança tem um ritmo próprio de desenvolvimento, desenvolvimento esse harmonioso em relação a si próprio e não em relação aos outros, e que se deve respeitar.

Outro aspecto surge-nos no domínio da noção de território, com crianças que não aprenderam a perceber aquilo que lhes pertence. Aqui são úteis as actividades em que haja vários participantes, ou seja, jogos colectivos.

No quadro da grande violência, aparecem-nos crianças que não aprenderam a distinguir o real e o irreal e, conseqüentemente, não compreendem o alcance dos seus actos. Foram deixadas muito tempo sozinhas sem acompanhamento diante de consolas de jogo onde o objectivo é matar o outro sem consequência para ele próprio. É pois, possível, que a criança

²¹⁷ Senos “A Importância da análise da agressividade (...)”, 1979.

²¹⁸ Op. cit. s.d.:154.

reproduza no real aquilo que vê em situação de jogo e, como prevenção, não só é necessário que ela seja muito acompanhada e que se lhe faça ver a diferença entre o real e o irreal, mas também que adquira a noção de vivo e de morto.

No que diz respeito às crianças excessivamente entregues a jogos de computador, à televisão, enfim, ao virtual, e carentes de outro tipo de experiências, Epstein²¹⁹ conta-nos que uma criança defrontada com algumas vacas, perguntou muito rapidamente, ao ouvi-las mugir, onde estava o comando que as fazia produzir aquele som. Ora, é necessário que a criança experimente variadas situações, de forma a conhecer a realidade. Como refere Constance Kamii, “não é possível conhecer a realidade senão quando os sentidos e a inteligência são postos em confronto com essa mesma realidade”²²⁰.

É nesse sentido que estas aprendizagens são essenciais ao desenvolvimento social da criança e é através de situações de jogo que elas as podem adquirir.

Verificamos, então, que, quer seja no passado, quer seja no presente, foram muitos os investigadores que se preocuparam com esta matéria, chegando a conclusões análogas, na medida em que o jogo, sendo analisado tanto numa perspectiva fisiológica, sociológica, ou psicológica, foi considerado sob diversas formas: como forma de recreação, dado que a fadiga e o tédio causados pelo trabalho, desaparecem por efeito do jogo (teoria do recreio); como forma de descarregar energias (teoria do excesso de energia); como forma de preparar as pessoas para a vida, na medida em que a preparação para a vida está implícita instintivamente nos padrões de jogo da criança (teoria da preparação para a vida); como forma de escape para a agressão, que alguns crêem fazer parte da natureza humana, uma vez que através do jogo o indivíduo pode libertar-se de uma conduta agressiva, bem como controlar essa mesma conduta (teoria da catarse); como forma de se libertar de pressões e frustrações que as pessoas sentem no dia a dia (teoria da sublimação); como forma de se pôr à prova a si mesmo, de correr riscos, de opor a sua força contra os outros e contra os elementos da natureza (teoria do domínio na competição); como forma de imitar as experiências da vida real (teoria da imitação); como forma de experimentar sensações, de realização pessoal, de aceitação por parte dos outros, de conseguir, de dominar, de expressar necessidades e desejos (teoria da realização pessoal)²²¹.

²¹⁹ Op. cit. 1997.

²²⁰ Kamii, op. cit. s.d.:32.

²²¹ Dorothy Harris, *Por qué praticamos deporte?*, 1979.

Contudo, ainda que todas as teorias continuem vigentes, não é possível justificar a brincadeira e o jogo através de qualquer uma delas isoladamente. Talvez todas elas em conjunto possam explicar porque brincam as crianças, mas como refere Claparède, corroborado por Huizinga: “o jogo é tão antigo como a cultura”. Na criança, escreve este autor, “o jogo é o trabalho, o bem, o ideal da vida. É a única atmosfera em que o seu ser psicológico pode respirar e, conseqüentemente, pode agir”²²². Jean Chateau, na mesma linha de pensamento, afirma que :

“A criança é um ser que joga e nada mais”²²³.

²²² Apud Chateau, op. cit.1975:16.

²²³ Idem, ibidem.

2. BRINQUEDOS, JOGOS E BRINCADEIRAS

“O Menino grande

Também eu, também eu,
joguei às escondidas, fiz baloiços,
tive bolas, berlindes, papagaios,
automóveis de corda, cavalinhos...

Depois cresci,
tornei-me do tamanho que hoje tenho;
os brinquedos perdi-os, os meus bibes
deixaram de servir-me.
Mas nem tudo se foi:
ficou-me, dos tempos de menino,
esta alegria ingénua
perante as coisas novas
e esta vontade de brincar²²⁴.

A origem do brinquedo perde-se nas profundezas do tempo.

Poder-se-á dizer que o primeiro brinquedo nasceu com a primeira criança, quaisquer que tenham sido a latitude e a longitude em que essa criança nasceu.

O brinquedo é universal, distinguindo-se tão somente pelas características que o ligam às diferentes culturas. Ele assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui, isto é, dependendo do lugar e da época, os brinquedos assumem significados diferentes. Por exemplo, o bumerangue, o arco e a flecha, hoje considerados brinquedos, em certas culturas indígenas, eram utilizados como instrumentos para caçar e pescar.

Existem numerosos vestígios arqueológicos de brinquedos milenários. Entre os mais notáveis, destaca-se uma boneca de terracota, bem conservada, em posição vertical, com os quatro membros articulados, trajando um vestido de saia curta. Tendo sido descoberta na Itália Meridional, situa-se a sua origem, na época Helenística (300 a 100 anos A. C.) e

²²⁴ Sebastião da Gama, in *A Infância Lembrada*, Matilde Rosa Araújo, s.d.: 15.

encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, onde existem, também, as figuras de três meninas jogando às pedrinhas, feitas com o mesmo material, oriundas da Grécia, do início do séc. V. No Museu de Arte e História, em Bruxelas, existe uma boneca semelhante, de origem grega (Beócia), do séc. IV a. C. e no Museu Nacional de Arqueologia, em Tarragona, uma roca em bronze, da época Romana.

Michel Manson, no seu livro *História do Brinquedo e dos Jogos*²²⁵, afirma que os artistas foram os primeiros a valorizar os brinquedos e as brincadeiras das crianças, retratando-os nas suas obras, como testemunham os célebres quadros: *Jogos Infantis* (1560), de Brueghel, exposto no Museu de Viena, *A Criança com Boneca*, de Greuze, no Museu do Louvre, e *A Criança com Polichinelo*, de Francois Hubert Drouais, no Museu Cognacq-Jay.

Muitos outros exemplos se poderiam dar, o que prova que, efectivamente, os brinquedos são tão antigos como a própria humanidade. Contudo, eles não eram uma prioridade. Com efeito, Rabelais considera-os objectos frívolos e Montaigne recrimina os pais que os oferecem aos filhos, descuidando os encargos da sua futura educação. Só nos finais do séc. XVII veremos Locke admitir a necessidade de dar brinquedos às crianças, com a condição de os preceptores decidirem qual a sua melhor utilização.

Foi Rousseau e os seus sucessores que acabaram por admitir que os brinquedos devem ocupar um lugar na educação. Mesmo a originalidade de Froebel, como afirma Francis Thauvin, foi ter “inventado um material destinado a proporcionar ao jogo uma função educativa”²²⁶.

Mais recentemente, Freinet²²⁷ é de opinião que a criança tem necessidade de brincar e jogar, precisando para isso de espaço, tempo livre e, tanto quanto possível, companheiros de actividade lúdica. Para formar as suas ideias, ela necessita, pois, não só de brinquedos, mas também de tempo e de espaço para brincar com eles à sua vontade e não de acordo com a vontade dos adultos. Por isso, “devemos dar liberdade à criança para brincar, a fim de que essa função possa ser verdadeiramente um êxito e servi-la como deve ser”²²⁸.

Neste contexto, onde quer que exista uma criança existe um brinquedo, muitas vezes, até, criado pela sua imaginação. Brincar e jogar sempre fizeram parte da vida da criança, ajudando-a a descobrir o que a rodeia, o mundo dos adultos, a construir a sua

²²⁵ Editorial Teorema, Lda. Lisboa : 2002.

²²⁶ Apud Jean Vial, *Jeu et éducation les ludothèques*, 1988:113.

²²⁷ Cfr. *Conselhos aos Pais*, 1962

²²⁸ Bettelheim, op. cit., 1994:305.

personalidade, a aprender a viver. Ela é um agente transmissor de cultura, na medida em que leva os seus jogos e brinquedos para onde quer que vá.

Nas suas mãos tudo se transforma em brinquedo: um pedaço de papel, de cordel, uma flor, uma pedra, o próprio corpo humano. A este propósito, Maria Borja Solé diz-nos que quando brinca e joga, a criança aprende a conhecer o seu corpo e as suas possibilidades, desenvolve a sua personalidade e encontra um lugar na comunidade²²⁹.

Mas, então, o que é um brinquedo?

Um brinquedo será tudo aquilo com que se pode brincar e jogar. Até mesmo os objectos de acaso se tornam brinquedos porque conduzem ao jogo.

Marie-Madeleine Rabecq-Maillard, fundadora do Museu do Brinquedo de Poissy, diz-nos que espera “sempre, que em qualquer canto do mundo, haja um menino capaz de fabricar um comboio com um cordel e três rolhas, uma carroça com uma caixa de sapatos e um apito com um ramo de sabugueiro”²³⁰.

Os brinquedos servem para entreter, distrair, divertir, para que as crianças façam o que quiserem, para aprender servindo-se deles. O objecto de jogo é interpretado por Piaget como um instrumento de realismo dependente do sonho mas também da ilusão do jogo simbólico egocêntrico²³¹. É um mediador entre a criança e o adulto, que permite desempenhar diferentes papéis, identificar-se, estudar e medir as suas capacidades, facilitando, desta forma, o estabelecimento de relações com o mundo em que deverá integrar-se.

Segundo Michelet²³², tanto o material como os brinquedos educativos foram idealizados para favorecer o desenvolvimento, o uso da inteligência e da lógica, pelo uso da mão e dos sentidos. A manipulação permite conhecer intuitivamente as coisas muito antes de as pensar e, por esta razão, as crianças precisam de muitos brinquedos.

Eles são importantes na medida em que estimulam e favorecem a actividade lúdica,²³³ convidando naturalmente ao brincar e tornando-se muitas vezes no seu ponto de partida²³⁴. Para esta autora, “um bom brinquedo é aquele que convida a criança a brincar.” E

²²⁹ Cfr. *O Jogo Infantil (...)*, 1992.

²³⁰ Apud Jean Vial, op. cit. 1988:140.

²³¹ J. Piaget, *A formação do símbolo (...)*,

²³² Michelet, “Los utiles de la infancia”, Herder, Barcelona, 1979, in *Juguetes y Juegos de España*, Fevereiro, 1981, Orgão da Associação Espanhola de Fabricantes de Brinquedos Ministério da Educação y Ciencia, Madrid, 1976.

²³³ Natália Pais, “Actividade Lúdica – Ludotecas – (...)”, 1989.

²³⁴ Nylse Cunha, op. cit., 1994.

todos os bons brinquedos são considerados educativos desde que cumpram a função de divertir as crianças e estimulem e diversifiquem o jogo como actividade, enriquecendo de alguma forma a criança que brinca com eles²³⁵.

Annie Chiarotto²³⁶ diz-nos mesmo que os brinquedos assumem, cada vez mais, um lugar importante nos meios onde as crianças se desenvolvem: em casa, na rua, na escola, nos jardins públicos. Têm um papel importante no processo educativo, uma vez que está demonstrado que todos os brinquedos (desde que não sejam perigosos) são educativos, mesmo que não tenham sido concebidos com fins pedagógicos. Por isso, quando os pais oferecem um brinquedo ao seu filho, deviam ter como principal preocupação que este cumprisse a função de divertir a criança, isto é, com o único fim de ser para ela brincar e não com a preocupação de ser o mais adequado para desenvolver esta ou aquela função, ou para ela aprender. Assim, Besombes e Delhumeau pensam que oferecer um brinquedo é, sobretudo, uma arte²³⁷.

O brinquedo e a brincadeira ocupam um lugar privilegiado na vida da criança, uma vez que, para além de serem um passatempo, uma diversão, são, também, uma aprendizagem para a vida adulta. Não são só instrumentos de uma actividade agradável à criança, mas também a conduzem a duas conquistas essenciais ao homem de hoje: a compreensão técnica e a evasão para o mundo imaginário²³⁸.

Ao ser questionado sobre os méritos da escola, Decroly²³⁹ respondeu: “A escola ideal? Uma fábrica de brinquedos!”, onde a criança tivesse livre acesso e hipóteses de escolha porque, assim, ela teria possibilidade de uma operação de ordem intelectual, criar poder de decisão e de uma certa independência em relação ao adulto.

Contudo, Nylse Cunha refere que o importante não é ter um grande número de brinquedos, mas sim um grande número de experiências lúdicas”, porque a criança, através dessas actividades, desenvolve-se e aprende, ou seja, satisfaz exigências fundamentais e emprega instrumentos intelectuais²⁴⁰.

Actualmente, brinquedos e brincadeiras são termos empregues, ainda, de forma indistinta, se bem que brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma ausência de

²³⁵ Solé, 1992; “Juguetes y Juego de España”, Órgão da Associação Espanhola de Fabricantes de Brinquedos. Textos de apoio.

²³⁶ Cfr. *Les Ludothèques*, 1991.

²³⁷ Cfr. *Os brinquedos do seu filho*, 1975.

²³⁸ Bandet e Sarazanas, *A Criança e os Brinquedos*, 1973.

²³⁹ Apud Lebovici e Diatkine, *Significado e função do brinquedo na criança*, 1988:40.

²⁴⁰ Op. cit., p. 31.

um sistema de regras que organizam a sua utilização; eles confundem-se, na medida em que na criança, um pau, segundo a sua imaginação, se converte num cavalo, lança, espada, ou espingarda, objectos que o conduzem à brincadeira. Uma boneca, permite-lhe, igualmente várias formas de brincadeiras, desde a manipulação até ao faz-de-conta (mãe e filha). Aliás, a boneca é uma constante em todos os povos, sejam eles de raiz caucasiana, negra, asiática, etc. As mais antigas que se conhecem remontam à Mesopotâmia e ao Egipto, fruto de escavações arqueológicas.

Embora não seja mais do que um objecto, a boneca é plena de humanidade e prestando-se a todas as fantasias da imaginação tem uma força extraordinária de ilusão, força de vida e sugestão. Ela é espírito, é matéria, é objecto sagrado e objecto profano e, nestas contradições, reside a sua ambiguidade e, também, a força secreta de um brinquedo “que não pode ser unicamente infantil e que, em todas as idades, interessa, surpreende e espanta. (...) Ela é, nas suas múltiplas formas, o brinquedo por excelência”²⁴¹.

Neste âmbito, Bachelard²⁴² mostra-nos que há sempre uma criança em todo o adulto e que o devaneio sobre a infância é um retorno à própria infância, pela memória e imaginação. Há em todos nós uma infância reprimida, que emerge quando algumas imagens nos tocam. Os devaneios retomam as lembranças da infância, mas também os nossos sonhos, ideais e vontades. Muitas vezes, o passado, mistura-se com o presente e alimenta o sonho, dinamizando-o com a imaginação criativa. Tal como a poesia, as brincadeiras infantis despertam em nós o imaginário, a memória dos tempos passados. A este respeito, Julio Ramón Ribeyro pergunta-se:

“ahora que mi hijo juega en su habitación y que yo escribo en la mía, me pregunto si el hecho de escribir no será la prolongación de los juegos de la infancia.(...) Mi hijo juega con sus soldados, sus automóviles y sus torres y yo juego con las palabras. Ambos con los medios de que disponemos, ocupamos nuestra duración y vivimos un mundo imaginario, pero constituido con utensilios o fragmentos del mundo real”²⁴³.

Neste caso, também os jogos de afecto, transmitidos oralmente por várias gerações, como a *bichinha-gata*, a *pitinha-põe-o-ovo*, o *varre-varre-vassourinha*, a *sardinha-*

²⁴¹ Bandet e Sarazanas, op. cit., p. 154.

²⁴² Apud Tizuko Kishimoto, op. cit. 2001:20.

²⁴³ “La seriedad del juego”, *Juegos y juguetes en el país de la imaginación*, 1999.

fresca e tantos outros, onde os meninos eram instrumentos e parceiros de jogo dos avós, pertencem, ainda, hoje, ao imaginário e à memória de muitos adultos.

Os brinquedos e os jogos faziam parte integrante do dia a dia das pessoas. Não poderemos dizer se era melhor ou pior do que hoje, contudo, era, com certeza, diferente. Muitos adultos recordam, com nostalgia os seus tempos de meninos, quando eles próprios construíam os seus brinquedos e brincavam na rua, nas praças, no recreio da escola. Referindo-se aos jogos do recreio, José Luís Lopes dá-nos o seguinte testemunho pessoal:

“era e ainda será o espaço lúdico, por excelência, das crianças. Aí se viviam momentos de divertimento, de alegria, convívio, abstracção e entrega ao prazer de jogar. O jogo era o dono do recreio. As meninas saltavam à corda ou jogavam à macaca. Os rapazes, consoante as idades e interesses, jogavam futebol, ao berlinde, ao «espeto», ao pião, ao saltitão da parede, à carica, à bilharda, à corrida com arco (que até podia ser um pneu), às escondidas, à apanhada”²⁴⁴.

Destes jogos citados, destaca-se, pela sua universalidade e antiguidade²⁴⁵, o jogo do pião, que no entender de Cameira Serra²⁴⁶, foi praticado por todos os rapazes, durante algumas décadas do século XX. Este é um brinquedo de gregos e romanos antigos, um objecto mágico que apenas exige um golpe de dedos ou um cordel enrolado à sua volta, cordel que se segura na mão por uma das extremidades e que, ao desenrolar-se, o faz girar.

O berlinde, jogo muito antigo, já foi azeitona, bolota, castanha, avelã, noz, feijão, bocado de madeira ou de metal, muito tosco. Só no séc. XVIII se formaram perfeitamente redondos, primeiro de barro, depois de pedra, vidro ágata ou mármore. As bolinhas eram lançadas em direcção a uma pequena cova feita no chão e na qual era preciso introduzir o maior número possível de berlindes²⁴⁷.

O arco, igualmente antigo, brinquedo usado já no tempo dos romanos, tem múltiplos efeitos psicológicos e funções educativas extraordinárias. Os gestos são centrados sobre o objecto, mas é a capacidade já adquirida de coordenar movimentos, gestos e olhar que equilibra e mantém o arco com o auxílio da gancheta. Esta, nem sempre precisa de ser

²⁴⁴ Idem, *ibidem*. p.83.

²⁴⁵ Chris e Melanie Rice, *Como Viviam as Crianças (...)*, 1996.

²⁴⁶ M. Cameira Serra, *Os jogos tradicionais em Portugal*, 1999.

²⁴⁷ João Amado, *O Universo dos Brinquedos Populares*, 2002.

utilizada, podendo o arco, um aro de pipa ou um pneu de bicicleta, ser tocado apenas com um pau²⁴⁸.

No que diz respeito a autores que estudaram e divulgaram os jogos tradicionais, em Portugal, deve ser salientada a acção do Padre Alloy, no séc. XVII, de Adolfo Coelho e Teófilo Braga, nos finais do séc. XIX e de diversos estudiosos, no séc. XX²⁴⁹. Dentre eles, poderemos referir Leite de Vasconcelos, no princípio do século, Pires de Lima, Jaime Lopes Dias, Cristóvão Silva e Mendes de Morais, José de Abruñhosa, António Cabral, Graça Guedes e Cameira Serra²⁵⁰.

No domínio dos brinquedos, João Amado²⁵¹ refere objectos de jogo simples e naturais, como os *brincos de princesa*, as grinaldas com flores, pífaros de cana, bonecos de trapos, de papoilas, de barro, rodízios, andas, lengalengas, rimas, adivinhas, *mal-me-quer*, *estalinhos*, etc. Leite de Vasconcelos apresenta alguns brinquedos populares, como a besta e o arcabuz ou estoque, o mata-moscas, loiças para as raparigas brincarem às casinhas, pandeiro de lata, bonecos de barro e madeira, *nenas* (bonecas de pano da Beira), amuletos, berços, papagaios e estrelas de papel, guizo, rela e telefone²⁵². Em 1932, Mira Corrêa descrevia o modo de a própria criança construir brinquedos simples, como *rapas*, peças do jogo de xadrez em cortiça, cavalo de baloiço, moinhos de vento, barcos, tartarugas e rãs de casca de noz, pistolas, gaitas de cana e de palha, papagaios e estrelas²⁵³. Jaime Lopes Dias, em 1967, referenciava diversos brinquedos da Beira Baixa, como o *alcatruz*, *balharico*, bonecos de papel, cortiça e madeira, *carchanetas*, gaitas, guarda-chuva, *matrícola*, *rabeca*, *rela*, *reixenol*, *samancos*, *tcharinga*, utensílios de lavoura e *zuna*²⁵⁴. Em 1974, José de Abruñhosa, na sua obra “*Um jogo de barra às Portas de Almeida em pleno séc. XIX*”, apresentava, como brinquedos das crianças da Beira Alta os seguintes: a *nena* ou *nina* (boneca de farrapos), a bola ou *péla*, mas também o arado de pau e o carro de bois²⁵⁵. No seu livro “*O castanheiro e a*

²⁴⁸ João Amado, *Função Educativa dos Brinquedos Tradicionais Populares*, 1992.

²⁴⁹ Alloy, *Recreios collegiaes (...)*, 1882; Coelho, (1883) *Obra Etnográfica (...)*, Vol. I, 1993; Coelho (1882, 83) *Obra Etnográfica*, Vol. II, (...)1993; Braga, *O Povo Português nos seus costumes (...)*, 1994, pp. 209-273.

²⁵⁰ Cameira Serra tem publicado obras respeitantes aos jogos tradicionais da região beirã e duriense, nomeadamente: *Desenvolvimento motor, jogo e contexto cultural (...)*, 1992; *Os Jogos Tradicionais em Portugal (...)*, 1998; *O Jogo e o Trabalho*, op. cit., 2001 e outras, em colaboração com Pires Veiga. No estudo dos brinquedos, *O Castanheiro e a Castanha*, 1990”. “A importância da actividade lúdica no desenvolvimento da criança, dos brinquedos tradicionais aos brinquedos virtuais”, 1997.

²⁵¹ Op. cit. 2002.

²⁵² Cfr. J. Leite de Vasconcelos, *Estudos de filologia portuguesa*, 1961, p. 36 e ainda, *Etnografia portuguesa*, vol. V e X, 1982, pp. 82-106.

²⁵³ Corrêa, *Indústria de Brinquedos*, 1932.

²⁵⁴ *Etnografia da Beira*, Vol. VI, 1967, 2.ª edição facsimilada pela C. M. de Idanha-a-Nova, pp. 139-185.

²⁵⁵ José de Abruñhosa, *Um jogo de barra às Portas de Almeida em pleno séc. XIX*, Edição do Autor, 1974.

castanha na tradição e na cultura”, Cameira Serra alude a brinquedos manufacturados a partir de castanhas e pedaços de castanheiro, a saber: assobio ou zorra, vacas, ratos, cadeiras, mesas, bancos e caras de bonecas²⁵⁶.

Estes autores evocam tempos em que, para brincarem, as crianças e jovens apenas necessitavam de vontade: efectivamente, o engenho para criar brinquedos não é um privilégio de inventores. Como afirma João Amado, “a tradição dos brinquedos realizados pela própria criança ou por familiares e amigos para que ela se divirta, vem de sempre e observa-se em todos os lugares”²⁵⁷.

A este propósito, Álvaro Cunhal, numa entrevista, explica como é que as crianças brincavam e jogavam na região da Serra da Estrela, nomeadamente em Seia, localidade onde viveu na sua infância²⁵⁸. De facto, eram as crianças que imaginavam e construíam os próprios brinquedos, os quais, na sua opinião, há setenta e tal anos, numa zona pouco desenvolvida, eram bastante criativos. Ele pensa que essa criatividade resultava de uma imaginação que enriquecia a criança, que não tinha outros brinquedos.

Na referida entrevista, destaca algumas brincadeiras:

➤ espectáculo de cinema, utilizando caixilhos de uma lousa da escola que já estivesse partida; colocava-se um papel esticado no écran, uma vela por trás e assim se faziam espectáculos de sombras chinesas;

➤ campo de futebol, desenhando numa tábuia; as equipas entravam em campo, cada jogador era desenhado num quadradinho de papel com a camisola do clube; arranjava-se uma bolinha de miolo de pão e jogava-se ali como se fossem matraquilhos;

➤ concurso hípico para crianças de 10, 11, 12 anos; com caixas e paus de fósforos e papel, fabricavam os obstáculos; numa mesa grande, montavam todos os obstáculos e uma das crianças pegava num relógio com ponteiros de segundos e dava a partida, dando início à corrida; os cavalos eram botões, que se faziam saltar por cima dos obstáculos, carregando com um botão maior no rebordo do mais pequeno, isto é, do cavalo; cada uma das crianças tinha o seu cavalo, o cavalo branco, o cavalo castanho, consoante a cor do botão; com o relógio, cronometravam-se os segundos, faziam-se as marcas e a classificação. E assim

²⁵⁶ Serra, op. cit. 1990.

²⁵⁷ Idem, ibidem, p. 11.

²⁵⁸ Catarina Pires, *Cinco Conversas com Álvaro Cunhal*, 1999.

se faziam concursos hípicas em cima e à volta de uma mesa, inspirados nas notícias dos jornais.

➤ jogo da bilharda- jogo de rua muito interessante, constituído por um pau curto, de madeira rija com dois bicos; com um pau maior, o jogador situava-se num círculo desenhado, dava uma pancada e projectava a bilharda o mais longe que podia. Outra criança corria, apanhava a bilharda e com umas tantas pancadas, tinha que a colocar dentro do círculo.

Ainda neste contexto ele recorda a fisga para ir aos pássaros, brincadeira que lhe traz más lembranças e refere ainda que, “também - e era um brinquedo de luxo - se construíam papagaios com canas, papel de seda e guita, e passavam-se horas a guiá-los ao vento”²⁵⁹

Noutras localidades da Serra da Estrela, mas mais recentemente, segundo a memória de Henrique Martins e Filipe Reis²⁶⁰, se recorria a brincadeiras com neve, como a construção de bonecos, sem esquecer a cenoura para o nariz; escorregar em pistas de gelo e guerras de bolas de neve.

Ainda no que diz respeito à construção dos próprios brinquedos, a Fundación Van Leer de La Hay, em colaboração com a UNESCO, realizou uma exposição composta por oito mil brinquedos provenientes de 56 países de todo o mundo, onde se podia apreciar a diversidade, as diferenças de todos esses brinquedos, que pareciam mais significativas quando elaborados por crianças a partir de materiais naturais: pedras, conchas, plantas, materiais recicláveis – trapos, bobinas, latas de conserva, frascos de iogurte²⁶¹. Esta diversidade constitui uma riqueza cultural que é anterior à standardização característica da sociedade industrial, cujas investidas unificadoras provêm do séc. XVIII. Efectivamente, como salienta Paulette Lequeux, “um brinquedo, só tem sentido se responder às necessidades do jogador e se o jogador jogar o jogo”²⁶².

Antigamente, nos locais onde viviam, as crianças e as famílias conheciam-se entre si, conversavam, faziam parte de uma sociedade, de um grupo social com características determinadas; nesse tempo e nesses locais, subir às árvores, brincar na e com água, atirar-se ao chão ou mesmo fazer algum disparate, eram jogos ou actividades consideradas normais. Havia espaço onde as crianças podiam brincar e jogar sem incomodar os adultos e havia

²⁵⁹ Idem, *ibidem*, p.267.

²⁶⁰ In *Brincadeiras da minha meninice*, 1999.

²⁶¹ Jean Vial, *op. cit.* 1988.

²⁶² Paulette Lequeux, *apud* Jean Vial, *op. cit.*, p. 69.

tempo para a criança ocupar o seu tempo livre sem imposições, realizando espontaneamente as actividades que lhe davam prazer.

Porém, a transformação da sociedade nos seus aspectos sociais, económicos, políticos e culturais determina uma mudança quanto à organização do tempo de lazer da criança, do adolescente, do adulto e, finalmente, do idoso. Embora a vida das pessoas possa ter melhorado no aspecto financeiro, bem-estar social e sucesso pessoal, o certo é que a vida das crianças e mesmo dos adultos mudou muito e esta mudança não evita o *stress* e a depressão²⁶³ que podem ser a causa de certos conflitos na vida das famílias, afectando por vezes a educação dos filhos. As crianças passam tempo a mais dentro de casa e não têm possibilidades de correr nem acesso a espaços livres; as saídas fora do meio urbano não se fazem com regularidade, a vida no lar é muito condicionada e cada vez há mais crianças com actividades extra-escolares em excesso, devido à necessidade que os pais têm de as manter ocupadas enquanto trabalham.

Hoje, brincar não é fácil para as crianças nesta civilização do automóvel, urbana e televisiva. A criança, sente-se isolada ou isola-se e, passivamente, é empurrada para consumir tudo o que vê na televisão, como sinónimo de que tudo é bom. São as máquinas, o tabaco, as pastilhas e bebidas, as histórias e os sentimentos nelas expressos, enfim, uma avalanche de palavras, imagens e sons que veiculam uma massa de informações tal, que levam a criança a uma saturação, provocando-lhe mais prejuízos, talvez, que a insuficiência de informações. A televisão e o vídeo, obviamente quando utilizados em excesso, empurram cada vez em maior número as crianças para a solidão, não podendo os parceiros electrónicos, com uma linguagem desumanizada, substituir um companheiro de brincadeira²⁶⁴. Ora, estes factores conduzem a um bloqueio das relações humanas e sociais. A este respeito, Toraille²⁶⁵ afirma que, num mundo onde tudo é barulho e movimento, os indivíduos são mudos e solitários. E este facto verifica-se não só na família como também na escola, onde as contradições e dificuldades da sociedade se reflectem.

A educação actual, por seu turno, cada vez mais formal, padroniza o comportamento das crianças, para que se adaptem, para que tenham bons resultados e para que correspondam às expectativas familiares e sociais. Todavia, pouco ou nada se faz para

²⁶³ Cunha, op. cit., 1994.

²⁶⁴ Cameira Serra, relativamente à importância da actividade lúdica no desenvolvimento da criança, refere-se igualmente a este assunto, "A importância da actividade lúdica (...)", 1997.

²⁶⁵ Toraille, *L'animation pédagogique*, 1973.

alimentar a vida interior das crianças, cultivar a sensibilidade e estimular a criatividade. Por vezes, oscila-se entre o ensinar futilidades e o ensinar ciência e tecnologia. E se é verdade que os jovens, hoje, são mais independentes dos adultos, também parecem ser mais dependentes da máquina, o que mentalmente não lhes transmite maior autonomia²⁶⁶.

O mercado é inundado por brinquedos cada vez mais sofisticados e mais caros e os pais, sempre muito ocupados, encontram nesses brinquedos um alibi para o pouco tempo que dedicam aos filhos. Surge o brinquedo-presente, o brinquedo-recompensa, o brinquedo que deve fazer esquecer uma ausência. Chiarotto refere-se-lhe como o brinquedo substituto, na medida em que os pais, muito ocupados, oferecem brinquedos à criança não só para preencher a sua ausência, mas também para se livrarem, de certa forma, de sentimentos de culpa²⁶⁷. Assim se desenvolve na criança o instinto de propriedade e, ao mesmo tempo, reflexos anti-sociais de rivalidade e egoísmo.

Até mesmo os próprios brinquedos, autênticas réplicas da sociedade tecnológica e da vida moderna adulta, levam a criança a constituir-se somente como um utilizador, um proprietário, e nunca como um criador. Ela não consegue inventar o mundo, mas sim utilizá-lo apenas. A propósito do facto de a maioria dos brinquedos ilustrarem o universo das funções adultas, diz Roland Barthes que a criança não pode ser criadora mas antes proprietária. Efectivamente,

“(...) perante este Universo de objectos fiéis e complicados, a criança só pode assumir o papel de proprietário; ou daquele que usa, mas nunca o do criador, ela não inventa o mundo; utiliza-o: os adultos preparam-lhe gestos, sem aventura, sem espanto e sem alegria... nunca há um caminho a percorrer”²⁶⁸.

E todas as crianças, em qualquer parte do mundo e em qualquer época, têm as mesmas necessidades elementares: necessidades vitais no plano material e psíquico para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade e necessidades inerentes à sua qualidade de crianças como inventoras do mundo e aprendizes da vida. Elas precisam, por isso, de espaço para se moverem, bem como de pessoas para dialogarem. Logo, a educação implica, como premissa indispensável, espaço livre para brincar, bem como adultos para conversar, o que pouco frequentemente acontece, até porque a evolução económica que se vai verificando e que permite a aquisição de um certo conforto, não é aproveitada. A razão disto deve-se à

²⁶⁶ Idem, *ibidem*.

²⁶⁷ Chiarotto, *op. cit.*, 1991.

²⁶⁸ Bandet e Sarazanas, *op. cit.*, 1973:44.

pouca disponibilidade dos pais em função do ritmo de vida e da distância do local de trabalho, devido a um espaço restrito que é o apartamento, onde as crianças não podem correr nem fazer barulho e aos programas televisivos, que reduzem o convívio durante as refeições e serões, provocando carências relacionais e afectivas.

O nascimento desta sociedade de informação, característica da sociedade pós-industrial, implica a necessidade de alteração e mudança nas diferentes estruturas sociais, entre as quais a família e a escola. Verifica-se que nesta sociedade materialista, orientada para o sucesso, se encorajam e reforçam certas qualidades e aptidões da criança, muitas vezes em detrimento de outras que, possivelmente, lhe proporcionariam maior realização pessoal. Ora, as exigências da vida actual fazem com que numerosas tendências naturais da criança, não sendo satisfeitas, gerem frustrações. E todo o ser a quem sejam retiradas as possibilidades de satisfazer as suas necessidades é, necessariamente, um indivíduo recalcado nos seus desejos mais primitivos, verificando-se nele carências em certos domínios, como o equilíbrio emocional e o sentido de responsabilidade social.

Este perigo é relevado por Manuela Eanes, quando preconiza que:

“É pois necessário criar espaços lúdicos que sejam um enriquecimento para a criança, para o adolescente, para a família, para a comunidade porque, se não existem ou são mal concebidos, podem gerar mesmo problemas graves”²⁶⁹.

Diremos, assim, que a brincadeira e o jogo, sendo imprescindíveis ao desenvolvimento físico, moral e social da criança, são, igualmente, necessários para uma existência equilibrada do adulto, o que nos conduz à criação de espaços, como centros lúdicos, ludotecas, museus das crianças, da infância, do brinquedo, onde se valoriza a actividade lúdica e o direito de brincar. Tal não significa, porém, que alguns destes espaços, como as ludotecas e os museus do brinquedo, se destinem exclusivamente aos adultos. Com efeito, até os mais idosos sentem a necessidade de, mesmo que por momentos, voltar a ser crianças, o que parece confirmar as palavras de Vallier e Bize: “Nós não deixámos de jogar porque envelhecemos, antes envelhecemos porque deixámos de jogar”²⁷⁰.

Esta necessidade imprescindível de ligar a actividade lúdica ao desenvolvimento equilibrado e harmonioso do ser humano está bem expressa neste poema de José Régio:

²⁶⁹ “A actividade lúdica e o direito de brincar”, 1992: 9. A mesma opinião é partilhada por Isaura Abreu, et al. *Ideias e histórias (...)*, 1990.

²⁷⁰ Cfr. *Uma vida nova: a terceira idade*, 1985: 197.

“VAI NASCER UM MENINO

DEFOLHARAM-SE as rosas
Antes do amanhecer.
Desço ao quintal...Que rosas
Hei-de colher?!

O céu parece um muro.
No entanto, amanheceu.
Amanheceu escuro...
Que é das estrelas? que é do céu?

Calou-se o rouxinol.
Calou-se o rouxinol na ramaria.
Prefere a lua ao sol...
Mas veio sol?! mas isto é dia?!

Mas, já murchas as rosas, apagados
Os astros nos céus baços,
Os rouxinóis calados,
E arranha-céus, cimentos, aços,
Como destino
Desta cidade imensa,

Que poderei eu dar ao meu menino
Que vai nascer?
Pois nisto ninguém pensa,
Que ele tem de brincar para crescer?!“²⁷¹

²⁷¹ José Régio, *A Chaga do Lado*, 1983, pp. 35 e 36.

3. Museus do Brinquedo e da Infância no Mundo

Nos últimos anos, tem existido um pouco em todo o mundo, uma proliferação de Museus do Brinquedo. Alguns, criados a partir de colecções particulares, outros, a partir de uma actividade industrial na área do fabrico do brinquedo e outros, criados a partir da vontade de responsáveis políticos interessados em preservar o património local e desenvolver a respectiva região, em termos turísticos, culturais, económicos e sociais.

Existem ainda outro tipo de museus, cujos objectivos vão além da recolha e exposição de jogos e brinquedos, denominados “Museus da Infância”. Nestes, conjuga-se a preservação, conservação e exibição desses materiais, com a possibilidade de se aproximar ao mundo da vida quotidiana infantil mediante elementos de estudo tais como a história oral, o acompanhamento fotográfico ou o material etnográfico conservado.

Uma terceira proposta, apresenta-se no panorama internacional com os chamados Museus das Crianças²⁷², cuja pretensão é situar conceptualmente a aprendizagem infantil como objectivo último da sua filosofia de trabalho, graças à organização de diversos programas que permitem revalorizar o papel do jogo no mundo das crianças. Em vários países, esta actividade lúdica é levada a cabo pelas ludotecas, onde existem programas específicos de motivação, educação e animação do jogo.

Neste contexto, iremos dar alguns exemplos destas práticas museológicas, em Portugal e nalguns países do mundo desde algumas décadas a esta parte.

²⁷² Em Portugal existe um Museu das Crianças, situado no Museu da Marinha, e aberto, actualmente, apenas aos fins-de-semana, que se propõe incentivar a participação activa das crianças no processo de aprendizagem, através de exposições interactivas.

3.1 Museus De Brinquedo

- *Museu do Brinquedo de Évora*²⁷³

O Museu do Brinquedo de Évora é constituído por uma colecção de brinquedos que foram propriedade da Dra. Josette Maria Cardoso, (1914-1989), licenciada em História-Filosóficas e em Psicologia, e também poetisa (Silvia Cardoso), que se distinguiu na luta pela promoção dos direitos da criança, em especial o direito de brincar. Foi ela que em 1979 fundou na cidade de Évora a primeira Ludoteca do País e em 1987, no mesmo edifício, inaugurou o museu do brinquedo, também pioneiro em Portugal.

Actualmente, esta colecção de brinquedos tradicionais, musicais, militares, meios de transporte, jogos, casas de bonecas, bonecos e bonecas, brinquedos de plástico, estão expostos numa das salas da Ludoteca de Évora, situada no Parque Dr. Almeida Margiochi.

- *Museu do Brinquedo de Sintra*²⁷⁴

Os brinquedos presentes neste museu fazem parte de uma recolha feita ao longo de mais de 40 anos pelo coleccionador João Arbués Moreira. Esta recolha, atingiu cerca de vinte mil brinquedos diferentes e o proprietário, com o objectivo de preservar e expor este património, permitindo ao público tomar contacto com a maior colecção do género em todo o país, legou-a à Fundação Arbués Moreira, criada em 1987.

Dois anos mais tarde, na sequência de um acordo com a Câmara Municipal de Sintra, que cedeu o espaço, nasceu o Museu do Brinquedo nesta cidade.

Além das diversas salas de exposição permanente, onde os brinquedos se encontram expostos em vitrines numeradas e onde é facultado aos visitantes um guião com a descrição das peças mais importantes, ele inclui uma sala de exposições temporárias, uma oficina de restauro, um espaço lúdico, uma loja, um bar e promove, ainda, exposições itinerantes. Em casos especiais podem ser organizadas visitas guiadas.

²⁷³ Dados recolhidos numa visita a este espaço em Abril de 1999.

²⁷⁴ Dados recolhidos em diversas visitas feitas a este espaço, na sequência de passeios organizados pela Câmara Municipal de Seia com as escolas do 1º ciclo e jardins de infância deste concelho, no ano lectivo de 1999/2000.

- *Museu do Brinquedo de Arronches*²⁷⁵

Foi inaugurado no dia 24 de Junho de 2002 o museu do brinquedo por iniciativa da Câmara Municipal de Arronches. É constituído por duas salas onde estão expostas as peças, uma sala onde se efectua a preparação das visitas de estudo e um balcão onde se podem adquirir lembranças. Uma parte dos brinquedos foi oferecida por particulares e outra foi adquirida pela autarquia.

Os objectivos deste museu passam pela divulgação do seu espólio a toda a comunidade e pela recepção de visitas de estudo devidamente acompanhadas. Está ainda ligado a um Centro Lúdico, que não se encontra no mesmo edifício, mas que serve para complementar a visita propriamente dita e para se realizarem diversas actividades.

- *Museu Valenciano do Brinquedo – IBI – Espanha*²⁷⁶

Podemos dizer que quem deu origem a este museu do brinquedo foi uma família de latoeiros do povo de Ibi, chamados *Payá* que por volta de 1905, começaram a fabricar brinquedos de lata de forma praticamente artesanal. Em pouco tempo, criaram uma das empresas de brinquedos mais pujantes de toda a Espanha, contando, nos anos 30, com mais de 500 trabalhadores.

Desde então, a sua ascensão foi imparável, sendo uma das pioneiras a inaugurar as grandes exportações do brinquedo espanhol, reconhecido por todo o mundo. Esta fábrica, fiel às suas origens e procurando a identidade dos brinquedos anteriores à guerra, continua a fabricar 50 modelos históricos com os materiais da época e sistemas artesanais e recuperou, igualmente, o fabrico das pistas de comboios, abandonado por volta de 1960.

Assim, depois da conversão em cooperativa, a nova *PAYÁ S.C.V.L.* cedeu os fundos para a criação em IBI deste Museu Valenciano do Brinquedo. Ele fica situado na planta alta do edifício, e é um projecto mágico, onde os brinquedos se agrupam de acordo com o aspecto real que reproduzem. Trata-se de uma série de recintos em forma de círculos, rectângulos, quadrados, que estão organizados da seguinte maneira:

²⁷⁵ Estas informações foram fornecidas por um técnico do museu em Outubro de 2002.

²⁷⁶ Documentos recolhidos na sequência de uma visita a este local, em Abril de 1999.

Museu do Brinquedo em Seia: um absurdo?

1ª sala – projecções cinematográficas

2ª sala - exibem-se num grande círculo de vidro os brinquedos que descrevem movimentos rotativos.

Contudo, a verdadeira proposta museográfica, começa com os brinquedos que representam o mundo rural e natural: os animais, os tractores, as camionetas de transporte.

A sequência continua e aumenta o grau de artificialidade e mecanização do mundo sobre o qual o brinquedo se projecta. Assim, numa grande caixa de vidro, entramos no mundo dos aviões e na sala verde, no mundo dos comboios com mecanismos de corda dos anos 20 e eléctricos dos anos 40 e 50. O ambiente cinzento faz-nos entrar na sala da velocidade com motocicletas, automóveis de todas as épocas, desportivos e de competição, autocarros, bombeiros, etc.

O itinerário do natural ao artificial por excelência, a cidade, reproduz o ambiente doméstico: móveis da casa e acessórios. A última parte corresponde aos instrumentos musicais.

- *Museu do brinquedo da Catalunha – Figueres - Espanha*²⁷⁷

As mais de 4000 peças expostas provêm de três indústrias importantes de brinquedos que surgiram na Catalunha e no país valenciano nos princípios do século XX. Podem contemplar-se desde *zootropos* a *meccanos*, teatros, cavalos de cartão, bonecas, cozinhas.

A visita ao museu pode ter diversas leituras, desde o ponto de vista nostálgico, pelo facto dos jogos expostos terem pertencido aos nossos avós e pais, até à observação dos avanços científicos e técnicos de cada momento, os quais incidem no desenho dos jogos e dos brinquedos, como também reflectem fielmente os factos históricos, as tendências e os movimentos artísticos.

Desde a sua abertura a 18 de Junho de 1982, o museu dispõe de uma sala aberta para exposições temporárias.

²⁷⁷ In <http://www.ddgi.es/figueres/musecasa.htm>

- *Museu do Brinquedo de Sa Pobla - Maiorca - Espanha*²⁷⁸

Can Planes é um centro multidisciplinar dedicado às artes e à cultura. Junto ao museu de Arte Contemporânea e à secção dedicada ao trabalho e à experimentação nos *ateliers* de Artes Plásticas, Can Planes oferece aos visitantes um museu peculiar e único em Maiorca: O museu do brinquedo que reúne um dos melhores conjuntos de objectos relacionados com os jogos infantis que hoje em dia se podem contemplar, fruto do trabalho perseverante de um coleccionador.

O grande número de peças que compõe a colecção, reunida durante anos por Ton Boig Clar, permite preparar no futuro, exposições monográficas dedicadas ao mundo infantil em geral e ao brinquedo em particular.

O museu do brinquedo de Sa Pobla, é um espaço dedicado à exposição de centenas de testemunhos da cultura infantil, lúdica e educativa que tem como objectivo fazer reviver os pequenos e solenes rituais dos jogos, e recordar as grandes e secretas relações com os brinquedos.

- *Museu do Brinquedo - Bruxelas - Bélgica*²⁷⁹

Este Museu do Brinquedo denominado “Grande Palácio” é constituído por trinta e três espaços que vão desde as áreas de jogo e de repouso, posto de vendas, biblioteca, ludoteca, uma sala de aula para brincar “à escola”, várias vitrines, únicas pela sua apresentação e pelas suas colecções de cinquenta coleccionadores particulares, mesas de comboios, às demonstrações permanentes de brinquedos mecânicos e outros e um *tramway* de Bruxelas, para jogar, fazer piqueniques ou ler.

O Museu é dirigido às crianças dos 2 aos 102 anos e tem diversas actividades e serviços, como por exemplo visitas guiadas com durações diversas dependendo da opção do visitante, visitas de prestígio – pessoas que queiram fazer fotos de moda, de publicidade, publicação de um boletim, documentação escolar, organização de festas de aniversário,

²⁷⁸ Dados recolhidos em Ibi, no Congresso Internacional do Brinquedo e da Infância em 16 e 17 de Abril de 1999.

²⁷⁹ Dados fornecidos pelo Museu do Brinquedo de Bruxelas, na sequência de um intercâmbio estabelecido entre este, e o Museu do Brinquedo de Seia.

espectáculos de marionetas, *ateliers*, recepções, festas de Natal, conferências de imprensa, exposições temáticas.

- *Museu do Brinquedo de Moirans-en-Montagne- França*²⁸⁰

O Museu do Brinquedo abriu as portas em Junho de 1989, pela iniciativa da Câmara de Moirans-en-Montagne e dos fabricantes do brinquedo.

Dirigido inicialmente pela Associação para a Tornearia e o Brinquedo Francês, que foi criada em 1986, e que tinha como objectivo mobilizar uma região e uma profissão em redor dos pólos económicos, turísticos e educativos tendo como símbolo a Casa do Brinquedo e o seu Museu, é municipal desde Janeiro de 1997.

A implantação do Museu na pequena cidade de Moirans explica-se devido a uma longa tradição local da tornearia, com o fabrico de objectos de utilidade frequente e de brinquedos, desde 1850. Entre 1950 e 1960, a maior parte das empresas de brinquedos, da região de Jura, transformaram-se em fábricas de brinquedos de plástico. Com sucesso, pois um brinquedo francês em cada dois é fabricado no Arco Jurassiano.

Hoje em dia, Moirans-en-Montagne, capital do brinquedo, faz parte da Comunidade de Municípios Jura Sul, País da Criança. Todos os anos, acontece o Festival Internacional para a Criança “Idéklic” em Julho, assim como a animação “Natal no País do Brinquedo, com a “Cavalcade des Lutins” (Cavalgada dos Duendes) no mês de Dezembro.

O Museu do Brinquedo de Moirans-en-Montagne é o primeiro Museu Francês do Brinquedo tendo uma média de 55 000 visitantes por ano e mais de 625 000 desde a sua abertura. É controlado pela direcção dos Museus de França e as suas colecções são públicas e inalienáveis. Membro da associação dos Museus das Técnicas e Culturas “Comtoises”, o Museu do Brinquedo apresenta uma colecção de dois mil brinquedos do século XIX até aos nossos dias, assim como as técnicas de fabrico dos brinquedos em madeira e em plástico. A museografia esforça-se por dar ao público os meios de conhecer e compreender os objectos de colecção, situando-os no seu universo técnico, cultural e simbólico.

²⁸⁰ Documentos fornecidos pelo Musée du Jouet – Moirans-en-Montagne-Jura, na sequência de um intercâmbio que estabelecemos com este Museu.

Instalado no coração da região do Jura, num edifício futurista com formas e cores parecidas às cores dos brinquedos, e graças a uma museografia inovadora, a exposição permanente tem um discurso empenhado em mostrar o brinquedo nas suas diferentes facetas:

- O brinquedo, numa dimensão técnica:

A primeira parte da exposição narra a história das técnicas de fabrico dos brinquedos desde as origens até às últimas inovações. Descobre-se a vida dos camponeses – torneiros que requintaram os seus gestos técnicos de geração em geração e que souberam adaptar-se ao mercado manifestando um grande talento para transitar da madeira para o plástico. Graças aos *videogramas*, estes homens filmados nos seus locais de trabalho explicam aos visitantes as dificuldades das suas profissões, a precisão do seu trabalho e a sua paixão pelo brinquedo.

- O brinquedo, numa dimensão cultural:

Num segundo espaço, podemos admirar uma colecção original de dois mil brinquedos do século XIX até aos nossos dias, repartidos em dois andares, ou seja, mais de 1500 m². Se as bonecas, os veículos, ursos em peluche ou jogos de sociedade lembram a emoção e o charme da infância, estes objectos destinados ao jogo infantil tornam a ensinar-nos igualmente acerca dos valores e dos modelos próprios a cada sociedade.

Para além destes espaços, o Museu dispõe de outros serviços:

* Uma sala audiovisual “cine-teatro” criada em Fevereiro de 1998, onde apresenta actividades várias, como por exemplo, Teatro de Autómatos “A floresta dos mil duendes” teatro de marionetes conduzido por computador. O objectivo deste teatro é conduzir todos os visitantes num universo onírico dos brinquedos.

* Sala de exposições temporárias: devido a estas animações periódicas, uma ou duas vezes por ano, o museu visa uma fidelização progressiva do público. A título de exemplo referimos a exposição “Os brinquedos das crianças de todo o mundo” – Colecção Chantal Lombard.

*As animações lúdicas e pedagógicas: “O *atelier* do Pai Natal” “Jornadas Organizadas e Estadias Pedagógicas” “Eureka-malice, concurso da criação de um brinquedo imaginário.”

* O centro de documentação com uma fonte de informações indispensável em matéria de jogos e brinquedos.

*Um Posto de Vendas

*Alojamento

Também em Moirans-en-Montagne, foi apresentado o projecto de estatutos para a criação da Federação Internacional dos Museus do Brinquedo e da Infância, que ocorreu no fim do Colóquio dos dias 5 e 6 de Junho de 1997, nesta localidade, sobre o tema “Património e identidade territorial: brinquedos, infância e Pai Natal por toda a Europa”.

Este Colóquio realizou-se sob a iniciativa do “Museu do Brinquedo de Moirans” (França), do “Museu Provincial de Lapland” de Rovaniemi (Finlândia) e da “Fundação do Museu do Brinquedo de Valência de Ibi” (Espanha).

A associação está aberta a todos os Museus do Brinquedo ou da infância na Europa e no Mundo e tem como objectivos:

1. A criação de uma rede de troca de informações e de experiências.
2. O desenvolvimento de uma política de pesquisa colectiva.
3. A organização de um Colóquio Bienal numa das cidades onde está implantado um Museu do Brinquedo membro da Associação.
4. A organização de exposições itinerantes temporárias, à disposição dos membros aderentes, para servir de vitrine na Federação e de promoção dos Museus Membros.

Estes objectivos não são de carácter restritivo e à medida do desenvolvimento da Federação e das suas actividades, poderão ser acrescentados novos objectivos em consequência de decisões tomadas pela Assembleia geral bisanual ²⁸¹.

²⁸¹ In <http://www.musee-du-jouet.com/statuts.htm>

- *Museu Canadiano das Crianças*²⁸² - Quebec - Canadá

O Museu Canadiano das Crianças é composto por duas colecções: uma permanente com cerca de 10 000 objectos, históricos e contemporâneos (brinquedos, jogos, roupas, arte, fotografia) que visam mostrar as actividades das crianças em todo o mundo. A outra, é uma colecção de interpretação, constituída por uma série de objectos culturais substituíveis, de réplicas, de reproduções e de duplicados de outros objectos que fazem parte das colecções, classificados como “tácteis” ou como “acessórios”. A colecção dos acessórios é um sortido de objectos que são utilizados como ajuda ou demonstração durante as exposições especiais ou programas particulares. São parecidos aos acessórios de teatro devido à sua natureza. O acessório que é, talvez, o mais célebre, da colecção do Museu das Crianças é um autocarro paquistanês sumptuosamente decorado.

Por outro lado, este museu tem acesso às colecções de envergadura internacional do Museu Canadiano das Civilizações.

Este museu, privilegiando a aprendizagem táctil interactiva, procura enriquecer a vida das crianças, entender as suas experiências culturais e oferecer-lhes um espaço estimulante no qual podem descobrir o mundo.

Privilegia a aprendizagem pela descoberta; *representa igualmente um lugar na imaginação e na representação de papéis*. As actividades de manipulação e os programas oferecidos apelam aos objectos que fazem parte da colecção do Museu. As crianças podem tocar as peças de exposição e descobrir o mundo que os rodeia num ambiente seguro e divertido. A fim de permitir que o modo da aprendizagem da criança seja um êxito, insiste-se particularmente na participação dos adultos.

O Museu das Crianças é um lugar de aprendizagem, de partilha, de experimentação e de criação que oferece possibilidades de descoberta excepcionais às crianças de 14 e mais anos, assim como às suas famílias e aos grupos escolares e comunitários.

²⁸² Dados recolhidos em Ibi, no Congresso Internacional do Brinquedo e da Infância em 16 e 17 de Abril de 1999; in www.civilization.ca/mcc_ccm/cmcolfra.html.

Museu do Brinquedo em Seia: um absurdo?

- *Museu do Brinquedo do Japão*²⁸³

Apresenta uma mostra permanente, bem como mostras de brinquedos especiais, e realiza *workshops* onde se pode aprender como são feitos os brinquedos folclóricos e a sua história.

Estes brinquedos e bonecos tradicionais japoneses são ricos em cores locais que os povos de cada região têm produzido durante séculos a partir de materiais simples como madeira, papel e argila. Esta tradição teve início durante a longa era da paz, conhecida como o período Edo, que predominou por quase 300 anos, sécs. XVII a XIX quando o Japão esteve fechado para o mundo exterior.

Nos primórdios da era moderna que se iniciou na segunda metade do século XIX, começaram a aparecer os brinquedos feitos de novos materiais, tais como estanho, celulóide, borracha, o que levou as crianças a afastarem-se dos antigos brinquedos trabalhados à mão.

Apesar de não brincarem mais com eles, muitos brinquedos tradicionais continuam a ser produzidos em todo o país, na medida em que havia adultos que colecionavam brinquedos e bonecos artesanais devido à nostalgia e, viam neles, uma beleza tradicional do Japão.

Hoje, os brinquedos japoneses conhecidos são aqueles que se utilizam da mais avançada tecnologia, tais como computadores para jogos e brinquedos electrónicos e, neste sentido, novos e velhos brinquedos convivem entre si.

²⁸³ Documentos fornecidos pelo Japan Toy Museum – Nakanino, Koderu – Cho, Kanzaki – Gun., Hyogo, Japan, na sequência de um intercâmbio que estabelecemos com este Museu.

3.2 Mostras de Brinquedos e Brincadeiras

As exposições públicas de colecções de brinquedos vieram sensibilizar o público em geral para este aspecto da nossa identidade cultural.

Assim, demonstrando a importância que este tema tem suscitado um pouco por todo o lado, damos como exemplo algumas exposições promovidas por diversos museus e outras Instituições.

- “De que maneira jogam as crianças de todo o mundo” – Exposição realizada no Museu Etnográfico de Neuchâtel, em 1960, que teve como objectivo mostrar os brinquedos dos diferentes países ao longo dos séculos. Esta exposição contou com a colaboração de diversos museus de todo o mundo: Museu Nacional da Baviera; Museu de Etnografia de Bâle; Museu do Louvre, Paris; Victoria and Albert Museum, Londres; Museu das Marionetas de Munique; Museu Nacional de Zurique; Museu de Etnografia de Basileia.

- “Traje de Criança e Brinquedos” – Na sequência de ter sido declarado internacionalmente o *Ano da Criança* em 1979, o Museu Nacional do Traje, aderindo a este movimento, decidiu realizar uma exposição destinada em especial à criança, procurando dar-lhe uma noção sobre a evolução dos conceitos de tempo, espaço e sociedade. Foram recordações recolhidas e colocadas em cada época, junto do fato que a criança usava: do “adulto- miniatura” dos séc. XVI-XVIII ao “menino-à-marujo” do séc. XIX. O material exposto teve como núcleo central as colecções de 250 bonecas doadas ao Museu Nacional de Arqueologia e transferidas para o Museu Nacional do Traje, em 1975. A essas colecções juntaram-se, a partir de 1979, inúmeros brinquedos que iam oferecendo ao Museu, e a exposição foi completada com peças do Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Machado de Castro – Coimbra, Museu da Quinta das Cruzes – Funchal, Fundação Ricardo Espírito Santo, Biblioteca Nacional de Lisboa e diversos coleccionadores particulares.

- “A criança o brinquedo e o jogo” – Exposição temporária realizada em 1979 no Museu de Lamego.

Museu do Brinquedo em Seia: um absurdo?

- “Jogos tradicionais das crianças de Lamego”- Exposição realizada no Museu de Lamego, no âmbito do *II Estágio Alternativo Europeu de Desportos Tradicionais e Jogos Populares* promovido pelo Concelho da Europa, em 1982.
- “O Brinquedo Português”- Na sequência de um projecto *Da Torre*, criado no âmbito do programa *Conservação do Património Cultural*, do instituto de Emprego e Formação Profissional, realizou-se em Loulé, em 1990, uma exposição sobre este tema, que teve como objectivo, mostrar alguns exemplos do nosso imaginário, através da fabricação de objectos lúdicos que nos habituámos a chamar brinquedos.
- “O Brinquedo da nossa infância” - Exposição integrada no Seminário *Comunicar para crescer*, realizada no Instituto Politécnico da Guarda – Pólo de Seia, em Junho de 1994.
- “Brincadeiras e jogos de rua do meu tempo, Lisboa, anos 20-30” - A reconstituição das brincadeiras e jogos de rua dos “miúdos” dos bairros pobres de Lisboa dos anos 20-30, nasceu numa reunião realizada na biblioteca da Junta de Freguesia dos Prazeres e concretizada entre Maio e Dezembro de 1996, por Jorge Carvalho, 78 anos, um dos principais colaboradores e animadores de várias iniciativas realizadas no âmbito do trabalho cultural *pesquisa e valorização dos saberes e artes dos mais velhos*, através da concepção e construção de bonecos de madeira, articulados.
- “Brinquedos de artistas mexicanos” – Exposição da criação plástica de artistas mexicanos dos últimos anos. Os objectos que a compõe foram criados através das mais diversas formas do desenho, escultura e mecanismo de funcionamento, que conferem a cada uma das peças um carácter utilitário, mas não dominante da obra, permitindo que se expressem como brinquedos, exactamente, e não só como pinturas, esculturas ou objectos de artistas. Esta exposição esteve patente ao público de 8 de Novembro a 15 de Dezembro de 1997, no Museu do Brinquedo de Sintra.
- “La Escuela tradicional” - Exposição sobre materiais escolares que mostram um passado que desperta a memória de diversas gerações. É uma exposição que convida à reflexão sobre os distintos aspectos da educação em Espanha nos últimos cem anos,

realizada e promovida pelo *Ayuntamiento de Onil* – Espanha, de 16 de Abril a 15 de Maio de 1999.

- “Os Putos” – Exposição realizada no Museu do Traje no ano de 2000, subordinada ao tema dos brinquedos populares dos anos 30 e 40, e completada com fotografias do conceituado fotógrafo João Martins. Esta exposição esteve, posteriormente patente ao público, numa iniciativa da Câmara Municipal de Seia, no Salão das Magnólias, no mês de Março de 2000.

- “Máquinas de Brincar de Virgínio Moutinho” – Os objectos lúdicos de Virgínio Moutinho, enquanto brinquedos, ligam-se a referentes orgânicos, a pessoas e a animais, a cenas e rituais da vida quotidiana, a fabulações. Apetece ver, pegar, mexer, ouvir os sons das engrenagens em ritmos contínuos. São brinquedos que despertam a fantasia, e já foram expostos, também, no Museu de Artes e Ofícios em Paris. As exposições da obra lúdica de Virgínio Moutinho, são, habitualmente, inseridas em projectos de animação cultural que criam cumplicidades e envolvimentos de diferentes públicos, com a intenção de despertar, nos outros, idênticas potencialidades criadoras. Este projecto que tem por nome “Objectos Lúdicos” foi promovido pela Fundação para o Desenvolvimento do Vale de Campanhã, e a exposição decorreu em Junho, no Porto. Para além desta, o autor das peças, já tinha exposto as suas criações no Museu do Traje, em 1986 “Brinquedos/Movimento”; “Xuguetes de Virgínio Moutinho”, no Centro Cultural de Vigo, em 1987; Em Loulé, em 1990, “Brinquedos”; na Casa da Cultura em Estarreja, em 1995, com o nome “Objectos animados”; e em 1996 “Vento e Movimento”, na Fundação de Serralves, e, esta mostra, esteve, ainda, exposta, em Portimão, Braga, Aveiro, Fundação Calouste Gulbenkian, Ecomuseu do Seixal e Biblioteca de Miranda do Corvo.

- “O Brinquedo Português” - De Fevereiro a Março de 2001 realizou-se em Seia, uma exposição sobre este tema, no Salão das Magnólias. Os brinquedos que fizeram parte desta exposição eram propriedade de um coleccionador que, tendo conhecimento da vontade da autarquia abrir um museu de brinquedo, propôs a sua venda para integrar o espólio do museu. Foi uma iniciativa da Câmara Municipal que se inseriu na estratégia de implantação do Museu do Brinquedo em Seia, no sentido de sensibilizar a população local e recolher opiniões.

- “Deambulações – Os Brinquedos de Manuel Baptista” – Exposição realizada no Museu Municipal de Faro, de Abril a Dezembro de 2001, que propõe uma viagem no tempo. Uma viagem que vai permitir, por um lado, aos adultos recordarem a importância do brinquedo na sua infância e, por outro lado, aos mais novos, dar a conhecer este rico imaginário que marcou outras gerações.

- “Gingarelhos” – De 10 a 30 de Janeiro de 2002, realizou-se, no paço da Cultura na Guarda, uma exposição sobre objectos lúdicos que simbolizam veículos. Originais e únicos, são construídos de forma artesanal e com recurso exclusivo a desperdícios e objectos rejeitados pelas pessoas ou indústrias – veículos não poluentes, destinados a lazer, animação, desporto. Exposição muito criativa, esteve também, em Seia, quando da inauguração do Museu do Brinquedo. Uma das peças foi oferecida ao Museu pelo autor, ficando a fazer parte do seu espólio.

- “Brinquedos do Mundo” – de 15 de Junho a 31 de 2002, realizou-se no Museu do Brinquedo de Sintra, uma exposição subordinada a este tema.. Foi uma exposição que nos falou de diferentes tempos e lugares – uma viagem pelo tempo e pelo espaço através do mundo dos brinquedos.

- “Brinquedos tradicionais” – É um apontamento etnográfico que nos reporta à época em que a criança se valia do seu poder imaginativo para construir brinquedos utilizando materiais existentes na sua região, expostos ao público no Museu Escolar de Marrazes – Leiria.

- “Brinquedos Antigos” - Paralelamente aos domínios abordados no Museu Etnográfico de Olivença, como utensílios agrícolas, ofícios tradicionais, musica popular e erudita, habitação popular e campesina, encontramos colecções de arte sacra, arqueologia e brinquedos antigos. Brinquedos de folha, dos primórdios da indústria de brinquedos, bonecas de trapo e porcelana, bem como vestidos do fim do séc. XIX. No mesmo local está reproduzida uma escola do início do séc. XX, com os respectivos mapas, cartilhas, enciclopédias e, além disso, ainda têm em exposição, indumentária infantil, postais, cromos, fotografias e acessórios da Primeira Comunhão.

À semelhança daquilo que se faz noutros países, como é o caso de Espanha e Japão, como tivemos oportunidade de referir, não podemos deixar de mencionar a acção de um grupo que comercializa e exporta os brinquedos tradicionais portugueses, dando continuidade àquilo que antigamente se fazia em Portugal: *Artecri*, é o grupo que se dedica a reproduzir fielmente, os modelos que, em tempos foram geradores de alegria para os mais novos e hoje despertam, sobretudo, o interesse dos mais velhos. No início, o Grupo produzia apenas quatro modelos em madeira: o ciclista, a pomba, o andarilho, e a camioneta. Actualmente, dedicam-se, também à reprodução exaustiva dos brinquedos dos anos 40, em chapa e madeira tradicional, sem qualquer tipo de alteração.

Os brinquedos originais que levaram a este fabrico actual, encontram-se no Museu do Brinquedo de Seia, na sala “Portugal – décadas de brincadeiras”.

2ª PARTE

CONCEPÇÃO E CONCRETIZAÇÃO DO ESTUDO

Capítulo III

Metodologia

1- CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL ONDE DECORREU O ESTUDO

1.1 - DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO CONCELHO DE SEIA

- GEOGRAFIA

O concelho de Seia é limitado, a norte, pelo rio Mondego e, a sul, abrange a vertente ocidental da Serra da Estrela, ocupando uma área de cerca de 435 km².

É formado por 29 freguesias, cujo aspecto orográfico constitui um dos mais grandiosos panoramas do país. Tal facto pode verificar-se do marco geodésico que substitui a pirâmide que existia no alto da serra, mandada construir por D. João VI, donde se avista o emaranhado conjunto de serras, montes e vales, que constituem as freguesias de: Vide, Loriga, Seia, S.Romão, Vila Cova, Teixeira e Cabeça²⁸⁴. Segundo o texto do Plano Director Municipal, o concelho “deve esta dimensão ao facto de ter aglutinado 11 antigos concelhos, ao tempo das reformas liberais, nos meados do século passado”²⁸⁵.

A área do concelho divide-se, aproximadamente, em duas regiões geológicas de igual superfície - uma granítica, outra xistosa. A primeira, situa-se a leste da estrada que vai

²⁸⁴ Carlos Marques, “Inquérito à estrutura social do concelho de Seia”, *Altitude*, n.º 1 a 3, 1944: 21.

“A Torre ou Marco Geodésico foi mandado construir em 1802 por D. João VI, ainda regente, depois de terem sido iniciados, em 1788, os trabalhos geodésicos para o levantamento da carta geral do reino, com a triangulação feita por Cierra, Paulo e Filipe Folque”, in *Guia de Portugal II, Beira Baixa e Beira Alta*, s.d.:897; Navarro, 1884; Abreu, 1895.

²⁸⁵ P.D.M, 1996.

de Nelas a Unhais da Serra e que o atravessa, em todo o seu comprimento; a segunda, fica a oeste.

Administrativamente, pertence ao distrito da Guarda e faz parte, juntamente com os concelhos de Fornos de Algodres e Gouveia, de uma das sub-regiões programa (Sub-região da Serra da Estrela) que compõem a Região Centro,²⁸⁶ estabelecida de acordo com os objectivos de planeamento e desenvolvimento económico, com uma área total de 871 km². Do total desta área, 50% (435 km²) pertence ao concelho de Seia, o que faz dele o concelho mais extenso dos atrás referidos.

As vias de comunicação rodoviária, outrora exíguas e degradadas, estão hoje em foco, sendo diversos os projectos e obras em curso, que aproximarão o Interior do Litoral e vice-versa. Este facto, aliado à proximidade de Seia relativamente a centros urbanos com maiores dimensões, como Coimbra (98 km), Viseu (45 km) e Guarda (67 km), e com o posto fronteiriço de Vilar Formoso, contribui para que as relações estabelecidas com o resto do país e com o exterior sejam fortalecidas.

• HISTÓRIA

Oppidum²⁸⁷ Sena, hoje Seia, é uma povoação muito antiga, situada na encosta ocidental da Serra da Estrela, à altitude de 532 m, dominando um extenso e belíssimo vale e distando cerca de 25 km das maiores altitudes da Estrela.

A sua fundação, segundo vários autores, atribui-se aos Túrdulos ou Tordetenos, em 450 ou 300 A.C.²⁸⁸ e, muito embora outros não concordem com esta afirmação,²⁸⁹ o certo é que tanto Plínio como Pompónio, escritores romanos, dizem que este povo, os Túrdulos Veteros, “ficavam nas zonas ocidentais da Estremadura e da Beira, logo quase a partir do

²⁸⁶ Comissão de Coordenação da Região Centro, www.ccr-c.pt.

²⁸⁷ Oppidum significa *cidade fortificada*, terra acastelada e fortificada. Cfr. Bigotte, *Monografia da Cidade de Seia*, 1992:61.

²⁸⁸ Segundo artigos do *Diário de Notícias*, de 1924 e 19 de Junho de 1932; *Jornal Ditadura*, n.º 6 de 14 de Agosto de 1929; Pinho Leal, apud Costa, 1936; *Revista Altitude*, 1941 e 1944; Wachsmann, 1949; Bigotte, 1986; Almeida, s.d.

²⁸⁹ Costa, *Dicionário Chorographico de Portugal Continental e Insular*, 1936: 209; Tusculano, *A Lusitânia de há dois mil anos (...)* 1950:145.

Tagus (Tejo)”. Foram estes povos os fundadores, entre outros, de Gouveia, Linhares, Trancoso e Castelo Rodrigo.²⁹⁰

Aquando da dominação romana, Seia já existia, pois até há autores que defendem ter sido Seia o berço de Viriato.²⁹¹ A propósito, afirma Tusciano:

“Vangloriem-se as terras de Seia de terem legado à posterioridade um filho glorioso! Orgulhe-se Portugal inteiro do seu heróico antepassado”²⁹².

Depois da ocupação romana, Seia sofreu as lutas com os sarracenos, as da implantação da nacionalidade e as invasões francesas. Assim, surge a monarquia visigótica, que se estende por toda a Península; e é precisamente da época da fusão romano-goda que aparece o primeiro documento conhecido, onde surge o nome de Seia: “*Egitanea teneat de Salla usque Naban, de Sena usque Muriellam*”²⁹³. Mais tarde, sob o domínio árabe, submeteu-se ao Islão, em 715, e, tendo sido dominada muito tempo por este povo²⁹⁴, foi definitivamente reconquistada por Fernando I de Castela (cognominado “O Magno”), em 1055, época em que mandou edificar o seu castelo, que serviu de ponto avançado na defesa de Coimbra²⁹⁵. Pedro Ceia, da Casa de Ceia, na Galiza, foi o encarregado da sua construção, tendo sido o seu primeiro governador,²⁹⁶ ao qual, segundo vários autores, Seia deve o nome²⁹⁷.

²⁹⁰ Almeida, 1963:42.

²⁹¹ Costa, op. cit.,:220/221; Tusciano 1950; Schulten, apud Bigotte, op. cit., p.44.

²⁹² Apud Bigotte, op. cit., 1992:43.

²⁹³ Costa, op. cit., p. 210; Almeida, 1963.

²⁹⁴ Raposo, s.d.: 243.

²⁹⁵ P.D.M., 1996.

²⁹⁶ Abreu, 1895, *Diário de Notícias*, 1924; Sombrio, 1933; Dias, *Revista Internacional*, nº2, 1936; Costa 1936:205 e 212; Leal, Carvalho, Silva e Cardoso, apud Costa 1936:213; *Revista Altitude*, 1941, 1943, 1944; Tusciano 1950; Almeida, s.d; Raposo, s.d: 243; Coelho, 1986; Bigotte, 1986 e 1992; Batista, 1988; *Guia De Portugal*, s.d: 868, 869.

²⁹⁷ Falcão, apud Abreu, 1895; Waschmann, 1949; Mattoso, 1992.

A este propósito, Ceia passou a escrever-se Seia quando a Câmara Municipal decidiu em representação dirigida ao Ministro do Interior de então, exprimir o desejo de se fixar oficialmente a grafia do nome do concelho, de modo a pôr termo à querela filológica e toponímica que durava há tanto tempo. Por despacho do Ministro foi ordenada a remessa daquela representação ao Ministério da Educação Nacional, que, por sua vez, mandou submeter o assunto a apreciação da Junta Nacional da Educação, com a obrigação de ouvir as Faculdades de Letras e Academia de Ciências. Das consultas dirigidas às três Instituições (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Academia de Ciências de Lisboa) resultaram três estudos notáveis, cujos autores, respectivamente, Prof. Dr. Carlos Simões Ventura, Prof. Dr. Hernâni Cidade e General José Maria de Oliveira Simões, unanimemente decidiram pela grafia Seia. Cfr. *Diário do Governo*, II Série, nº 49, de 1 de Março de 1939.

Em 1132, D. Afonso Henriques fez doação de Seia ao seu privado João Viegas,²⁹⁸ em remuneração pelos seus serviços, e é em 1136 que Seia passa a ser designada - por foral²⁹⁹, que recebe do rei fundador da nacionalidade -, por *Civitem Senam* ou então por *Nostram Villa*³⁰⁰. Nessa época, a população do concelho dividia-se em *cavaleiros, peões e homens da rua (mercadores e gente dos ofícios)*, havendo ainda, entre outros, os seguintes magistrados: *mordomo*, que recebia as rendas e direitos senhoriais; *alcaide*, que tinha funções administrativas e de defesa e *senhor da terra*, chefe dos *cavaleiros-vilãos*³⁰¹.

Segundo esta fonte, o foral parece confirmar usos e costumes anteriores, no que diz respeito à alimentação (“não deixem estragar *árvores, carneiros, porcos, leitões, ovelhas, galinhas...*”), aos ofícios, (“os *ferreiros* que agucem os malhos (...), e quando o *senhor* lhes der o ferro, que façam as *ferraduras e os cravos* de graça. Se tiver *cavalo* ou *asno*, não faça nada sem lhe pagarem. Os *oleiros* (...) que paguem os seus foros das olarias (...). E nunca em Seia *prendam um oficial mecânico*.”), às obrigações (“E os homens de Seia que pagam *jugada* que não vão ao *fossado* nem ao *moinho* obrigados pelo senhor. O homem de Seia que tiver cavalo e lhe morrer, que esteja um ano sem pagar nada (...). E dentro de Seia os cavaleiros não dêem *pousada* a não ser a quem quiserem.”) e à justiça (“O homem que na nossa vila sacar da *espada* ou *lança* ou *alfange* para com eles fazer mal a outro homem que pague trinta soldos...”).

²⁹⁸ Costa, 1936; Batista, 1988; Bigotte, 1992.

²⁹⁹ “O Foral importava a carta da povoação, o diploma regulador dos direitos e deveres colectivos das cidades, vilas e lugares”, Costa, 1936: 215. “Era uma lei que estabelecia a coexistência dos homens livres de um povoado. Em todos os forais encontramos garantida a posse dos bens dos vizinhos e regulamentados os tributos e multas que eles tinham de pagar ao seu senhor, quase sempre o rei”, Espinosa, s.d.:174. Segundo diversos autores, Seia recebeu o seu primeiro foral em 1136, *Diário de Notícias*, 1924; Saraiva, 1928; Sombrio, 1933; Costa, 1936:204 E 219; Revista *Altitude*, 1941, 1943, 1944; Saraiva, *Imagens da Beira Alta*, nº 3, 1955; *Terras de Portugal*, nº 70, Novembro, 1957; Bigotte, 1986; “Documentos Régios” (D.R.), IO, docs. 62, 63, apud Coelho, 1986; “850 Anos do 1º Foral da Vila de Seia 1136-1986”; in Mattoso, 1987; Batista, 1988; Raposo, s.d.; Almeida, s.d.; *Guia de Portugal*, 3º vol., Beira s.d.:868, 869.

Com este 1º foral, Seia é elevada à qualidade de concelho, P.D.M., 1996.

³⁰⁰ Segundo Costa, a palavra cidade, “nos princípios da monarquia não tinha a mesma significação que aquela que hoje lhe é atribuída. *Civitas* significava comunidade de cidadão” 1936:211. Assim, segundo o autor, Seia, naquela época era vila e não cidade. Todavia, Quelhas Bigotte, diz-nos que “O facto de D. Afonso Henriques a designar no início do foral por cidade - *Civitem Senanem* - e depois por vila - *villam* - induz-nos a pensar que Seia gozara honras de cidade até essa época, mas que na ocasião estava tão decadente (...) que apenas lhe ficava bem o título de vila, op. cit., 1992; Abreu, 1895.

³⁰¹ Espinosa, s.d.

Outros forais se seguiram, como o de Afonso II, em Dezembro de 1217, o de D. Duarte, em Dezembro de 1433, o de Afonso V, em Agosto de 1479 e, finalmente, o de D. Manuel,³⁰² em 1 de Junho de 1510³⁰³.

Salientando a importância de Seia, já D. Teresa, no foral de Thalavares, se referia à então cidade da seguinte forma: “*D. Tarasia regnante in Portucale, Colimbria, Viseu et Sena(...)*”³⁰⁴. E foi também em Seia que se reuniram os *Doze de Inglaterra*, (segundo consta eram beirões, como Álvaro Gonçalves Coutinho, que nasceu em Seia, por exemplo), donde partiram para Albion, com o objectivo de defenderem as doze damas britânicas ofendidas por alguns cortesãos³⁰⁵.

Alexandre Herculano, no seu livro *Lendas e Narrativas*, bem como Rocha Martins, na *História de Portugal*³⁰⁶ referem-se ao Conde D. Henrique, marido de D. Teresa. Do primeiro, citamos este extracto:

“(...) veio o adiantado até às imediações de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Seia e tio de el-rei D. Fernando, com a gente que pôde ajuntar.(...) Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mor do Castelo de Faria. Saíra este com alguns soldados para socorrer o conde de Seia (...)”³⁰⁷.

Se tivermos em conta que, na Revolução de 1640, habitantes de Seia mandaram forjar a espada que D. Mariana de Lencastre, viúva de D. Luís da Silva, 2º alcaide-mor de Seia, entregou aos seus filhos na vigília de sexta-feira para sábado, 1º de Dezembro; que foi também, nesta cidade, que se realizou, antes da implantação da República, em 1910, no dia 25 de Setembro, o último comício republicano, presidido por Afonso Costa, concluiremos que nos momentos decisivos da História de Portugal, Seia teve um papel activo e muito

³⁰² Costa, 1936:220; Raposo, s.d.:243; Bigotte, 1992; Falcão, s.d.

³⁰³ Cfr. Revista *Altitude*, 1944: 29; Simões, 1979: 88.

³⁰⁴ Saraiva, 1928; Martins, 1929; Projecto de Lei n.º 45/IV, 1986; Coelho, 1986; Batista, 1988; Saraiva, *Imagens da Beira Alta*, n.º 3, 1995.

“Portugal, em suas primeiras características de nação, dividia-se em quatro condados ou Territórios: Portucale, Colimbria, Viseu e Sena, cada um deles abrangendo muitas povoações e não, apenas, as cidades do Porto, de Coimbra, de Viseu e de Sena. O condado ou território de Sena estendia-se desde Linhares a Carapinheira da Serra, às portas de Coimbra, do Território fazendo parte os actuais e velhos concelhos de Celorico da Beira, Gouveia, Manteigas, Covilhã, Tábua, Arganil, Oliveira do Hospital, Penacova e Penalva do Castelo, com a sua capital em Sena, a *civitatem Senam*, do Foral de D. Afonso Henriques, de 1136”. Martins, 1929, apud Sousa, 1955.

³⁰⁵ Dias, *Revista Internacional*, n.º 2, 1936; *Terras de Portugal*, n.º70, Novembro de 1957; Leal, Rodrigues, Pereira e Mariz, apud Bigotte, 1992.

³⁰⁶ Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, 1929.

³⁰⁷ S.d.: 145.

importante, tanto pelo valor dos seus habitantes nas lutas antigas³⁰⁸, como em termos estratégicos, pela sua localização geográfica.

Actualmente, possui um património de elevado interesse histórico, como é o caso da Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Assunção³⁰⁹ que, segundo consta, foi edificada dentro dos muros do castelo, logo a seguir à reconquista cristã efectuada por D. Fernando Magno, em 1055³¹⁰. A Capela de S. Pedro, de estilo românico, ainda visível no pórtico, embora tenha sofrido profundas alterações no séc XVI (1542), é talvez o mais vivo exemplo da existência de uma população moçárabe nesta região. A Igreja da Misericórdia, de fachada Joanina, tem aposta uma lápide de 1773 e ali se podem admirar os quadros a óleo de Lucas Marrão, ilustre pintor da cidade de Seia. Muitos outros monumentos se poderiam nomear, mas por ser tão grande a lista, destacamos, somente, a Fonte das Quatros Bicas e algumas casas de habitação de famílias abastadas como o solar dos Botelhos, do séc. XVI, o edifício onde se encontra hoje a Câmara Municipal, designada como a Casa das Obras, monumento pombalino construído no século XIX, aquele onde funciona a Biblioteca Municipal³¹¹, a chamada Casa dos Miranda Brandão³¹² e o Solar de Santa Rita, edifício barroco datado do séc. XVIII, onde hoje está instalado o Museu do Brinquedo³¹³.

Assim, pela sua posição estratégica, pela sua situação de porta de entrada na serra da Estrela, pelo ocidente,³¹⁴ numa época em que o turismo interno tem grande projecção e valor nacional, pelas suas encostas férteis, que o transformaram num concelho próspero e dinâmico, pela implantação de novas indústrias diversificadas e pela criação de infra-

³⁰⁸ Martins, Vol. VIII, XI, s.d.; Mattoso, vol. IV, 1993.

³⁰⁹ De anterior traça românica, foi destruída quando das invasões Francesas. Reconstruída posteriormente (1843 - 1896) não foi respeitado o antigo estilo. Cfr. P.D.M., 1996.

³¹⁰ "Do antigo castelo hoje pouco ou nada resta. Este não resistiu às violentas guerras com Castela durante o reinado de D. João I".

Foi, contudo, à volta do antigo castelo que Seia se desenvolveu. É à volta do sítio do castelo que, ainda hoje, se situa o principal núcleo histórico de Seia. Não admira, portanto, que a parte mais antiga do aglomerado urbano se situe no denominado bairro do castelo. Aglomerado de desenvolvimento concêntrico que se prolonga até ao séc. XVI. Posteriormente, com particular incidência no séc. XVIII juntam-se ao inicial aglomerado o bairro de S. João, a nordeste e o bairro de Sto. António, mais a leste. A partir do Século XIX e principalmente nos anos 70-80 do nosso século, Seia conhecerá uma explosão urbana que actualmente a caracteriza". Cfr. P.D.M., 1996.

³¹¹ Inaugurada com o nome de "Dr. António Maria de Sena", no dia 1 de Janeiro de 1945. Foi mais tarde encerrada e reaberta de novo, em 1979. Cfr. Bigotte, 1992: 278.

³¹² No concelho, e porque é a este que nos referimos neste capítulo, poderemos encontrar monumentos megalíticos (dolmen), na freguesia de Paranhos, grande concentração de castros, a quase totalidade por estudar, pontes e estradas romanas, pelourinhos, dezenas de capelas medievais barrocas e, mais recentes, inúmeras casas senhoriais dos séculos XVI, XVII, e XVIII, moinhos de água em funcionamento, conjuntos de edifícios de habitação característicos da zona do xisto, de transição xisto/granito e típicas de granito, P.D.M., 1996.

³¹³ Bigotte, 1992:199.

³¹⁴ Bigotte, 1996.

estruturas, Seia passou de vila a cidade no dia 3 de Julho (data do seu feriado municipal) de 1986³¹⁵. A este respeito é bem elucidativa a afirmação de Bigotte:

“Enfim, toda uma dinâmica de progresso e actividade que lhe fizeram superar nos últimos tempos todas as outras vilas que a circundam e deram a SEIA um impacto de progresso voltado ao futuro, impôs, sem constrangimento ou negação de qualquer membro da Assembleia da República, que esta tenha votado por unanimidade, em 3 de Julho de 1986, a elevação a cidade da antiga SENA, hoje SEIA”³¹⁶.

- DEMOGRAFIA

O concelho de Seia conta, actualmente com uma população de cerca de 28173 habitantes³¹⁷. Se considerarmos que o número total de habitantes da sub-região da Serra da Estrela (3 concelhos) é de 54042 habitantes, verificamos que a população deste concelho representa aproximadamente 52% daquele total. Deste modo, o concelho de Seia é o mais populoso da sub-região que integra³¹⁸.

- SAÚDE

O concelho de Seia dispõe, na sua sede, de um Centro de Saúde que engloba a parte respeitante a ambulatório, consultas médicas e saúde pública.

As extensões do Centro de Saúde, distribuídas pelas diversas localidades do concelho, perfazem um total de 19³¹⁹. Neste domínio existe, ainda, um Hospital local cujo funcionamento pretende que “a actividade a desenvolver seja exercida não só na área tradicional do internamento, mas, fundamentalmente, na prestação de cuidados ambulatoriais por equipas pluridisciplinares que, integrando especialidades de instituições diferenciadas,

³¹⁵ Data em que foi aprovado, na reunião plenária da Assembleia da República, o projecto de elevação de Seia à categoria de Cidade. O Decreto respectivo foi publicado no Diário da República de 23 de Agosto, de 1986 (Lei nº 28/86 - D.R., I Série, n.º 193). Fonte: Câmara Municipal de Seia.

³¹⁶ Bigotte, 1986: 64.

³¹⁷ Censos de 2001.

³¹⁸ Fonte: Câmara Municipal de Seia.

³¹⁹ O primeiro centro de saúde de 1ª classe foi criado em Seia em Janeiro de 1972, funcionando, por falta de instalações, no Hospital da Misericórdia. Posteriormente, foi construído um edifício próprio que começou a funcionar em 1974, Bigotte, 1992.

poderão responder a um maior número de solicitações³²⁰. Ao Hospital está ainda atribuído o Serviço de Apoio Permanente (SAP).

• ECONOMIA E TURISMO

A população de Seia encontra-se distribuída de forma desigual pelos diferentes sectores de actividade. Existe, pois, uma grande concentração de indivíduos nos sectores secundário e terciário, em detrimento do primário, quase inexistente³²¹. O sector industrial, predominantemente relacionado com a indústria têxtil, absorve cerca de metade do emprego concelhio.

A agricultura destina-se, maioritariamente, ao consumo próprio e pratica-se em associação com a pecuária³²² ou com o pastoreio³²³. Neste âmbito, a criação de gado lanígero assume no concelho e em toda a região uma importância muito grande, nomeadamente no que diz respeito à produção de queijo da Serra³²⁴, cuja qualidade lhe proporciona grande difusão por toda a Europa.

Em relação à produção agrícola, destaca-se a batata, forragens, milho, centeio e azeite³²⁵. Todavia, a grande fragmentação das explorações existentes, a falta de mecanização e o perfil dos agricultores³²⁶ (na sua maioria têm uma idade avançada - 70% têm mais de 55 anos - e baixas habilitações literárias, visto que 95% nem sequer têm a escolaridade obrigatória) constituem estrangulamentos importantes ao desenvolvimento do sector agrícola.

Também a produção silvícola assume uma grande importância na Região Centro, como factor de desenvolvimento em diversas áreas. A espécie que predomina é o pinheiro bravo, embora o castanheiro também tenha alguma importância³²⁷. Apesar dos inúmeros incêndios registados nos últimos anos, o concelho de Seia assume, ainda, uma posição de

³²⁰ Decreto-Lei n.º 18/92, de 5/2.

³²¹ Fonte: Câmara Municipal de Seia, *Carta Estratégica do Concelho de Seia*.

³²² Tendo em conta um estudo de Alberto Martinho, só para a área abrangida pelo Parque Natural da Serra da Estrela, o concelho de Seia contava, recentemente, com 5.572 ovelhas, 1.820 cabras e 250 pastores. O que diz bem a importância da pecuária, do leite e derivados na economia do concelho, P.D.M., 1996.

³²³ Segundo um documento proveniente do Arquivo Municipal de Seia, o pastoreio é uma actividade que data já de há vários séculos, *Pastoreio da Serra da Estrela*, 1609; Direito, 1936; Pena e Cabral, 1989.

³²⁴ "Actividade que, para além da indústria têxtil, faz parte da idiosincrasia desta região", P.D.M., 1996; Saraiva, *Imagens da Beira Alta*, Nº3, 1955.

³²⁵ Fonte: I.N.E., *Recenseamento agrícola*; Direito, 1936; Mattoso, 1993; C.M.S., 1997.

³²⁶ Fonte: Câmara Municipal de Seia, *Carta Estratégica do Concelho de Seia*, 1998.

³²⁷ Assumem grande importância, a par dos pinhões, legumes secos, uvas, figos, etc., como se pode verificar no Foral de Seia, no que diz respeito ao comércio e à agricultura. Espinosa e Guerra, s.d..

liderança no que diz respeito à produção de madeira para pasta, madeira em toros e resina de pinheiro³²⁸.

Região com fortes tradições e supremacia no sector dos têxteis³²⁹, caminha agora no sentido de uma implantação industrial diversificada, como pode demonstrar a instalação de uma empresa de calçado.

O turismo é, hoje em dia, fonte de grandes riquezas e factor fundamental para o desenvolvimento económico desta região. O seu vasto património natural, cultural, arquitectónico e arqueológico permite a exploração de várias vertentes turísticas que vão de encontro às preferências de diferentes tipos de público. Este concelho está situado na Região de Turismo da Serra da Estrela e integra uma área de reserva protegida - Parque Natural da Serra da Estrela³³⁰.

Região privilegiada no domínio de belezas paisagísticas naturais e do seu património histórico e cultural, é, por isso, muito visitada, anualmente, por milhares de turistas nacionais e estrangeiros. O sector do turismo conhece, actualmente, grande progresso, uma vez que procura coordenar a qualidade dos serviços prestados com o aproveitamento e preservação dos elementos típicos que caracterizam a região serrana³³¹. Destaca-se, ainda, neste aspecto, a crescente vaga de espaços de animação, como é o caso das pistas de esqui, que proporcionam a prática de desportos de Inverno, uma vez que esta cidade está associada, naturalmente, à neve, bem como o alpinismo, a pesca, a canoagem, os percursos pedestres, as bicicletas de montanha, os passeios a cavalo, os festivais de folclore, as feiras e romarias tradicionais.

³²⁸ *Telecentro Rural*, 1991.

³²⁹ "Esta tradição de tecelagem e comercialização de panos vem de tempos imemoriais. No entanto, é no século XIX que, através das freguesias de S. Romão, Loriga, Alvoco da Serra, Valezim, Vodra e Vila Cova, esta tradição ganha novo impulso e dimensão".

Aproveitando as naturais quedas de água (energia hidráulica) e a lã dos inúmeros rebanhos (matéria-prima), e também pelo facto de existirem grandes dificuldades no que respeita à agricultura neste tipo de solos, o que levava a mão-de-obra rural ser parcialmente libertada para as tarefas industriais, o concelho de Seia pôde concorrer, em tempos idos, com os importantes concelhos da Covilhã e Gouveia. Ainda hoje, apesar de todas as crises do sector, mais de 15% da população activa está ligada ao sector têxtil. Cfr. Mattoso Vol. IV, 1993; P.D.M., 1996.

³³⁰ O Parque Natural da Serra da Estrela foi criado através do Decreto n.º 557/76, de 16 de Julho, com o objectivo de promover a conservação dos valores naturais, da salvaguarda do património cultural, do apoio ao desenvolvimento rural e a valorização do recreio. A sua área de actuação abrange um território com cerca de 100.000 ha, pertencente administrativamente a seis concelhos: Seia, Gouveia, Covilhã, Manteigas, Celorico da Beira e Guarda. Barbosa; Correia, 1990:19.

³³¹ *Telecentro Rural*, 1994.

Vários programas têm sido implantados, na região, para o desenvolvimento rural integrado, dando um bom exemplo de turismo organizado e valorizando a natural vocação turística da Serra da Estrela³³².

• EDUCAÇÃO

No âmbito da Educação Pré-escolar, existem neste concelho 7 jardins de infância a funcionar sob a alçada de Instituições Particulares de Solidariedade Social, com o efectivo total de 497 crianças, e 33 jardins de infância da rede pública, com cerca de 413 crianças, tendo ao serviço 43 educadoras de infância no sector público e 30 no sector privado³³³.

No que diz respeito ao 1º ciclo do Ensino Básico, este nível de ensino abrange uma população escolar de 1096 alunos, encontrando-se em funcionamento 46 escolas. Estão ao serviço, neste nível de ensino, 119 professores³³⁴.

Em relação ao apoio de crianças com dificuldades de aprendizagem ou algum tipo de deficiência, o ensino é ministrado por dois estabelecimentos de educação especial, através de itinerância, com 6 docentes e, na própria escola, como é o caso das escolas de Seia e S. Romão³³⁵.

No âmbito do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico existem 5 escolas, que totalizam 1566 alunos, assim como uma Escola Secundária, com 670 alunos.

Com a criação do Ensino Superior a população escolar veio a ser aumentada com mais 193 discentes³³⁶.

Relevo especial merece, também, a área da formação profissional, proporcionada pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional de Seia, quer pelo número de formandos (que se eleva a cerca de 200), quer pela diversidade de cursos que ministra³³⁷.

Finalmente, na área do ensino profissional encontra-se em pleno funcionamento a Escola Profissional Serra da Estrela, com 154 alunos³³⁸.

³³² Aqui, destaca-se o papel da Região de Turismo da Serra da Estrela (RTSE), do Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), da Câmara Municipal (CMS), da Associação de Desenvolvimento da Serra da Estrela (ADRUSE), bem como de outras associações e particulares. Cfr. *Telecentro Rural*, 1994:10.

³³³ Fonte: Câmara Municipal de Seia: Divisão de Cultura, Educação e Desporto.

³³⁴ Idem.

³³⁵ Id.

³³⁶ Encontra-se em funcionamento em Seia a Escola Superior de Turismo e Telecomunicações, unidade orgânica do Instituto Politécnico da Guarda, autorizada pelo Decreto-Lei n.º 264/99, de 14/07/99.

³³⁷ Cursos de carpintaria, serralharia civil, ajudante de cabeleireira, pastelaria/panificação, costura industrial, geriatria, técnicas de secretariado, electricidade, costura de malha, acção educativa, apoio à família e à comunidade e aprendizagem -técnico de informática e técnico de metalomecânica.

Cabe aqui destacar a preocupação que a Câmara Municipal tem demonstrado e o trabalho que vem desenvolvendo neste sector, nomeadamente no que diz respeito à conservação, segurança e restauro dos edifícios escolares, aquisição de recursos pedagógicos e implementação de iniciativas, algumas delas pioneiras no nosso país, como é o caso do projecto de “Iniciação de uma língua estrangeira nas escolas do 1º ciclo do ensino básico”³³⁹, e de outras, como, por exemplo, o projecto de Educação Física,³⁴⁰ o de animação lúdica e cultural nas escolas,³⁴¹ a implementação de uma rede de computadores ligados à internet, numa aposta clara de aproximação dos jovens à utilização dos meios informáticos. Estas iniciativas procuram minimizar as desigualdades sociais e colmatar as carências associadas ao isolamento e à falta de recursos a que estão votados muitos dos estabelecimentos de ensino e, conseqüentemente, um elevado número de crianças, em diversas freguesias do concelho de Seia.

• DESPORTO E CULTURA

No concelho de Seia existem mais de uma centena de associações desportivas e culturais. No domínio do desporto, a modalidade que maior número de praticantes atrai é o futebol, cujas equipas disputam os vários campeonatos federados. Há, igualmente, grande número de praticantes no atletismo,³⁴² basquetebol e voleibol.

³³⁸ Com os cursos de construção civil, turismo e animação, gestão e serviços jurídicos.

³³⁹ Na sequência de um projecto que a Ludoteca vem desenvolvendo desde 1994, uma professora de Francês/Português, pertencendo aos quadros da autarquia, ensina a língua francesa a crianças dos seis aos dez anos. É uma iniciativa pioneira em Portugal, que desde 1994 até ao ano 2000 foi desenvolvida na própria Ludoteca Municipal.

Actualmente, e desde o ano passado, está a ser desenvolvida nas escolas do ensino básico N.º 1, 2 e 3 de Seia, abrangendo um total de cerca de 350 crianças.

Esta iniciativa da Câmara abrange uma faixa etária que exige a abordagem da língua de uma forma concreta, de modo a que a criança faça uso dela, brincando, e se sinta motivada para a aprendizagem futura.

³⁴⁰ Não existindo ainda meios materiais e humanos que consigam abranger todas as escolas do 1º ciclo do concelho, tem este projecto estado virado para aquelas escolas que não estão integradas em qualquer tipo de agrupamento escolar. As aulas são desenvolvidas no interior do edifício escolar e, sempre que as condições atmosféricas o permitem, no espaço de recreio. As aulas têm a duração de 50 minutos e são leccionadas por um professor de Educação Física, a trabalhar na Câmara Municipal, na área do desporto.

³⁴¹ Um animador cultural, igualmente funcionário da autarquia, desloca-se, regularmente às escolas, para promover actividades de carácter lúdico e cultural, em colaboração com os docentes.

³⁴² Realizou-se no dia 23 de Fevereiro de 1997, pela primeira vez, em Seia, o Campeonato Nacional de Atletismo. Nesta modalidade, salientam-se os praticantes senenses representando, uns, o país em provas internacionais e outros sendo campeões nacionais, Fonte: CMS, 1999.

No que respeita ao sector eminentemente cultural, existem dez bandas filarmónicas e sete grupos de música popular, com centenas de executantes, que nesses agrupamentos fazem a sua iniciação musical. Destaca-se também o Orfeão de Seia e o de S. Romão, com dezenas de componentes. Os ranchos folclóricos ocupam, igualmente, um lugar muito importante neste sector e, tanto as entidades oficiais como a população, que ocorre em grande número às suas frequentes actuações, lhes prestam todo o apoio. Funcionam, ainda, dois grupos de teatro amador, que mantêm viva a chama do teatro popular e são, igualmente, muito acarinhados pela população.

Estas associações organizam certames como Jogos Florais, no domínio da literatura e da poesia, fotografia, pintura e escultura, além dos festivais de folclore e música popular, que ocorrem com regularidade.

Verifica-se, também, muito entusiasmo pela prática de diversos jogos tradicionais, nos logradouros escolares e nos largos das aldeias, tais como³⁴³: a *cabra-cega*, o *lagarto*, o *mata*, a *malha*..., cuja prática ancestral se mantém bem viva.

Fruto de uma iniciativa privada, existe um Museu do Pão, aberto ao público desde Setembro de 2002.

Este concelho conta, ainda, com diversas estruturas municipais, como é o caso de: uma biblioteca; uma ludoteca fixa e uma itinerante; um arquivo; um cine-teatro (com capacidade para cerca de 400 pessoas), onde, semanalmente, são exibidos filmes e outros espectáculos;³⁴⁴ um anfiteatro (com capacidade para 3 mil pessoas),³⁴⁵ pavilhões gimno-desportivos; piscinas cobertas e ao ar livre; parque infantil; uma Casa da Cultura,³⁴⁶ um

³⁴³ Praticados nas escolas do 1.º ciclo e nas freguesias rurais, sobretudo aos domingos, feriados e dias das festas locais.

³⁴⁴ Destaca-se o Festival Internacional de Cinema e Video da Serra da Estrela (Cine-Eco), realizado pela primeira vez no ano de 1995, e promovido pela Câmara Municipal de Seia, IPAMB/Instituto de Promoção Ambiental, Parque Natural da Serra da Estrela e Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela, sob a direcção técnica do Dr. Lauro António. "Trata-se de um significativo acontecimento cultural e cinematográfico que procura dinamizar o ambiente social e sensibilizar o público para os verdadeiros valores artísticos, culturais, ambientais e humanos, sendo de realçar ainda a preocupação prioritária colocada na juventude, sobretudo na juventude em idade escolar, que é muito especialmente convidada a estar presente durante todo o certame, que, em grande parte foi idealizado a pensar nela", IPAMB, 1995. Após o êxito indiscutível que constituiu, em 1995, a primeira edição do CineEco, este passou a realizar-se, igualmente com sucesso, todos os anos no mês de Outubro.

³⁴⁵ Local onde acontecem diversos certames, nomeadamente as festas da padroeira Nossa Senhora da Assunção, no mês de Agosto, a Feira do Livro, a Fiagris (Feira industrial e agrícola) realizando-se, as duas últimas, de dois em dois anos, e o Desfile das Marchas Populares, no dia 23 de Junho.

³⁴⁶ Efectuam-se, regularmente, palestras, conferências, acções de formação, concertos, diversas exposições e outras actividades culturais.

aeródromo; um estádio municipal, com pista de atletismo; um Museu do Brinquedo, um Espaço-Internet e um Centro de Interpretação da Serra da Estrela – CISE.

Neste sector, assim como no da educação, é importante salientar todos os esforços da autarquia no sentido da sua valorização, dinamização e promoção. As diversas actividades desenvolvidas pelo Serviço de Cultura, Educação e Desporto são tanto vocacionadas para os estabelecimentos de ensino como para a população em geral e procuram relembrar a importância histórica de algumas comemorações, alertar e sensibilizar todas as camadas da população para algumas problemáticas contemporâneas e fomentar o seu gosto pela arte, cultura e exploração do meio envolvente, com um espírito crítico e humanista³⁴⁷. A este respeito, destacam-se alguns exemplos: os *Passeios Escolares*³⁴⁸, o *Dia da Árvore*³⁴⁹, o *Dia Mundial da Criança*, a *Feira do Livro*, o *Prémio de Mérito Escolar*³⁵⁰, a *Quadra Natalícia*, o *Dia do Professor*³⁵¹, o *Cortejo Histórico*³⁵², o *Cine-Eco*³⁵³, os *Passeios Culturais para a 3ª*

³⁴⁷ Fonte: Câmara Municipal de Seia: Divisão de Cultura, Educação e Desporto, 2002.

³⁴⁸ Os Passeios Escolares são uma forma de integração da Escola na Comunidade e de exploração do meio envolvente. Muitas aprendizagens abstractas encontram nos passeios e deslocações fora da escola formas de exemplificar e tornar concretos alguns dos seus conceitos e noções. Se não podemos refutar a sua pertinência pedagógica, não podemos igualmente negar a sua importância para muitas crianças oriundas de meios sociais desfavorecidos que não teriam oportunidade de vivenciar determinadas realidades.

A Câmara Municipal proporciona às Escolas do 1º CEB e Jardins de Infância a oportunidade de realizarem dois passeios escolares, um dentro do concelho e outro fora. Quanto aos Passeios Escolares, estas deslocações têm em grande parte a colaboração de diversas entidades ligadas ao município, como a Biblioteca Municipal, o Museu do Brinquedo, o CISE, a Ludoteca, o Ecocentro, o Posto de Turismo, entre outros. A alimentação de todos os envolvidos nos passeios dentro do concelho encontra-se assegurada pela Câmara Municipal, assim como as despesas de transporte. Fonte: C.M.S. D.C.E.D., 2002.

³⁴⁹ O *Dia da Árvore* é comemorado no dia 21 de Março. Com o intuito de sensibilizar as crianças do concelho para a importância da sua conservação, a Câmara Municipal desenvolve, anualmente, diversas actividades de natureza pedagógica, que envolvem a plantação de árvores por parte das crianças em idade escolar. Para além de muita animação, as actividades contemplam acções de sensibilização para a necessidade de reciclagem, com *ateliers* onde as crianças podem observar e realizar várias operações que dizem respeito a esse processo. A todas as Escolas e Jardins é, igualmente, oferecida uma árvore para plantarem e uma prenda simbólica. Fonte: C.M.S. – D.C.E.D., 2002.

³⁵⁰ A atribuição dos *Prémios de Mérito Escolar* realiza-se anualmente, tendo por objectivo reconhecer e fomentar a motivação e empenho de muitas das crianças do concelho. Os prémios contemplam diversos graus de ensino, desde o 2º e 3º Ciclos, o Ensino Profissional, Secundário e Superior. Possuem um valor simbólico, de reconhecimento, por parte do Município, do esforço e dedicação dos alunos, pretendendo estimular, simultaneamente, a divulgação e valorização social do sucesso escolar. Fonte: C.M.S. – D.C.E.D., 2002.

³⁵¹ O *Dia Mundial do Professor* visa relembrar os 50 milhões de professores e educadores que em todo o mundo, dia a dia, mediante situações de pobreza, violência e instabilidade, trabalham dedicadamente, muitas vezes em prejuízo da sua vida pessoal e familiar. Num mundo em constante mudança social, cultural, científica e tecnológica, os professores e educadores enfrentam obstáculos e dificuldades de diversa natureza para poderem exercer dignamente as suas funções. As más condições de trabalho, falta de meios de formação e informação e as novas exigências decorrentes de novas problemáticas, aumentam as suas responsabilidades na sociedade, sem, por vezes, lhes serem atribuídas formas dignas de docência.

Com o intuito de alertar para estas dificuldades e sensibilizar a opinião pública para a necessidade de valorização do trabalho do professor, a UNESCO instituiu o dia 5 de Outubro como o *Dia Mundial do Professor*. Fonte: C.M.S. – D. C. E. D. , 2002. A Câmara Municipal de Seia, procurando constantemente melhorar as suas condições de trabalho, associa-se, de uma forma ou de outra, igualmente, a esta iniciativa, homenageando as

Idade, as Comemorações do Dia Mundial do Teatro, as Marchas Populares, o Dia Mundial da Música, o 25 de Abril, o Dia da Cidade e o Julho em Festa.

centenas de professores e educadores do concelho, que trabalham e exercem funções em prol das crianças e da comunidade em geral, com um elevado profissionalismo e sentido de responsabilidade (ibidem).

³⁵² O *Cortejo Histórico* é uma iniciativa conjunta com o Arquivo Municipal e realiza-se de dois em dois anos, procurando envolver diversas entidades na descoberta do passado, sem o conhecimento do qual estaremos condenados a repetir os erros do mesmo no futuro. Compreende-se, desta forma, o envolvimento de diversas escolas que procuram estimular o estudo da história, participando em actividades do meio envolvente, ajudando a fazer a ponte entre ambos. É igualmente uma forma dos alunos verem o reconhecimento e aceitação do seu trabalho pela comunidade. (ibid.).

³⁵³ O *Cine-Eco* apresenta-se hoje como uma iniciativa que procura simultaneamente incentivar a produção de obras audiovisuais alusivas ao ambiente, ecologia, inserção do Homem na Natureza e intensificar a difusão do cinema de qualidade, «alternativo», numa região particularmente desfavorecida, devido ao seu afastamento em relação ao eixo Lisboa-Porto.

O *Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente da Serra da Estrela* é uma aposta na qualidade e na diferença, com um sucesso que dificilmente se preveria na sua primeira edição. As suas propostas iniciais, tendentes à sensibilização e difusão de uma cultura cinematográfica preocupada com a Natureza e a sua preservação, estão anualmente contempladas nos seus objectivos e sempre com temáticas actuais.

As escolas do concelho perante um evento cultural tão rico e diversificado, não poderiam obviamente ficar alheias à sua participação. O Serviço de Cultura, Educação e Desporto tem anualmente coordenado visitas a sessões cinematográficas de diversos graus de ensino e instituições, desde o Pré escolar, 1º Ciclo, 2º e 3º Ciclos, Secundário, Profissional, Centro de Emprego, Casa de Santa Isabel e Escola Superior de Turismo e Telecomunicações. Procura-se, deste modo, sensibilizar os jovens estudantes para a problemática do ambiente e promover a sua participação em eventos culturais da comunidade, com o intuito de formar futuros cidadãos participantes activos na vida social e cultural da sua cidade. (ibid.).

1.2. MUSEU DO BRINQUEDO

Na sequência da política cultural desenvolvida pela Câmara Municipal de Seia e sob a inspiração do seu Presidente, Eduardo Mendes de Brito, surge a ideia de se recuperar o Solar de Santa Rita³⁵⁴ para a instalação do Museu do Brinquedo.

Por que razão instalar um museu do brinquedo em Seia? - houve quem se interrogasse na cidade. E porque não um museu do brinquedo em Seia? - insistiu o Presidente, na medida em que, na sua perspectiva, este seria um equipamento muito importante para a localidade e para a região, constituindo um factor de valorização e desenvolvimento cultural e turístico³⁵⁵. Apoiado pela equipa que iria proceder à sua instalação, concluiu-se que, apesar de não haver tradição de indústrias de brinquedos na região, havia tradição de brincadeiras, jogos e brinquedos e artesãos que os continuam a manufacturar.

Não há dúvidas de que o acto de brincar é universal, diz respeito a todos os cantos e recantos do mundo, e atravessa a infância de todas as gerações, desde sempre e até sempre. E, assim sendo, o museu do brinquedo fazia tanto sentido em Seia, como em qualquer parte do mundo.

Demos, então, início a esta aventura, começando por visitar alguns museus do brinquedo, em Portugal e no estrangeiro; participámos em congressos sobre museus de brinquedo e infância, a nível mundial, e fizemos formação, com o objectivo de nos documentarmos, antes de pormos o projecto em marcha.

Percebemos que o museu tinha de se começar a construir com a população e para a população, e, assim, fizemos um levantamento de jogos e brincadeiras a nível concelhio e iniciámos, igualmente, uma campanha de recolha de brinquedos, junto da população. Através destas iniciativas conseguimos reunir um número considerável de brinquedos, oferecidos por pessoas de várias localidades e de diversas faixas etárias. Brinquedos esses, que deram origem às “Memórias de Infância”, espaço dedicado a todos

³⁵⁴ Localizado no centro da cidade, é um edifício barroco do séc. XVIII, que a Câmara Municipal adquiriu em 1994.

³⁵⁵ Segundo depoimentos prestados à TVI, RTP, RTP1 e SIC entre Fevereiro a Julho de 2002.

aqueles que acreditaram, de início, neste projecto, e que quiseram partilhar as suas recordações e memórias de infância com todas as pessoas que um dia viriam visitar o museu. Como salienta Ana Duarte “o objecto oferecido ao museu possui muito valor para quem o oferece, porque conta uma história; as pessoas reconhecem-no, é uma presença familiar no museu, que todos gostam de mostrar à comunidade. Juntos, todos os objectos contribuem para a união das famílias que, com as suas ofertas, constroem o museu. Além disso, e sobretudo, valorizam a região e são valorizados os seus habitantes perante os outros”³⁵⁶.

O passo seguinte consistiu na aquisição de uma colecção particular de brinquedos tradicionais de fabrico exclusivamente português, que retrata a evolução do brinquedo no nosso país durante várias décadas, mostrando a diversidade de técnicas e materiais, desde a pasta de papel, a madeira, o barro, a folha de flandres recuperada de latas de conserva, até ao aparecimento do plástico.

É, igualmente, neste espaço, que foi designado como “Portugal – décadas de brincadeiras,” que também tomamos conhecimento com os brinquedos tradicionais populares, como o pião, os carros de sabão, os barcos de papel, as bonecas de trapos, a fisga, a péla, o jogo da malha, a bilharda. Estes brinquedos, muito embora conhecidos e usados em várias partes do mundo, por vezes com outros nomes, são exemplo da nossa identidade cultural e constituem, também, um desafio à nossa imaginação. Eles fazem parte da infância da maioria dos adultos e idosos que visitam o museu, independentemente da localidade donde provêm. Estes visitantes, à medida que sentem que algum objecto falta, vão enriquecendo este local, oferecendo os brinquedos com que brincaram na sua infância e que durante o percurso da visita são tentados a experimentar, a recordar, como é o caso do arco, do carro de rolamentos, dos carrinhos de madeira.

E é evidente que não podiam ficar esquecidos os objectos da escola, ligados, pois, à infância de todos nós, com as respectivas carteiras, livros escolares, bolsas dos livros, cartilhas de várias épocas, sólidos geométricos, tinteiros e aparos, a célebre *menina de cinco olhos*, mapas, carimbos, lousas, e alguns brinquedos do recreio, fantoches feitos pelas crianças numa determinada época, berlindes, jogo das províncias, barcos de casca de pinheiro, pedrinhas...

Estamos cientes da grande importância que tem a preservação da memória da cultura portuguesa e da cultura regional e local, nomeadamente a respeitante ao domínio

³⁵⁶ Cfr. *Actas do VII Encontro Nacional Museologia e Autarquias – Experiências, perspectivas*, 1998:126.

lúdico³⁵⁷, da sua documentação, comunicação e divulgação junto de toda a população, da sua função social, cultural e educativa. No entanto, pensámos que era importante, também, em termos culturais, pedagógicos e didácticos, de investigação e documentação, que os visitantes tomassem conhecimento com a cultura mundial, naquilo que diz respeito à infância e aos brinquedos. Para tal, estabelecemos contactos com várias entidades a nível nacional e internacional, como câmaras municipais, regiões de turismo, artesãos, fábricas de brinquedos, particulares, embaixadas e clubes internacionais, e mesmo alguns museus do brinquedo, nomeadamente em Espanha, Bélgica, França e Japão, no sentido de lhes solicitar um brinquedo típico do seu próprio país ou região. Esta foi uma iniciativa muito bem recebida, na medida em que os intervenientes pensaram que, através deste intercâmbio, se possibilitou, de uma forma ou de outra, um reforço na consolidação dos laços culturais entre Portugal e o mundo.

Todavia, para que a compreensão dos países em termos históricos, geográficos, culturais, se tornasse, efectivamente, mais vasta e abrangente, fizemos um CD-Rom, onde cada brinquedo nos “leva a viajar” pelo respectivo país. Assim, o público em geral poderá consultar este programa num computador instalado nessa sala, ou visioná-lo num ecrã, através de um projector de vídeo, se for um pequeno grupo. No entanto, pensando em maiores grupos, sejam crianças de escolas, grupos de professores, idosos, adultos, poder-se-á fazer uma apresentação no auditório, mediante a selecção do país ou países que os visitantes queiram conhecer.

Este auditório permite, ainda, visionar filmes documentais sobre a infância, o brinquedo, as histórias de encantar ou filmes temáticos que digam respeito a exposições temporárias, palestras, acções de formação, concertos.

Apesar de termos consciência de que o museu é destinado a todas as faixas etárias e de termos pensado nos adultos e idosos que, decerto, seriam as pessoas que mais se iriam reconhecer nos brinquedos expostos, não pudemos esquecer as crianças, assim como um objecto fundamental na vida de todos nós: o livro. Este, começa, de facto, por ser um objecto lúdico, um brinquedo, que alarga a percepção do mundo, educa a sensibilidade, enriquece-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros, incentiva o jogo da imaginação, criando abertura para um mundo que se esconde por detrás da realidade imediata, o do sonho, que para a criança é uma realidade que alimenta também a sua vitalidade para se inserir no mundo real.

³⁵⁷ A importância do domínio lúdico da cultura foi magistralmente enaltecida por Huizinga, *op. cit.*

Neste contexto, e reafirmando a importância que a leitura tem, Vitor Jorge questiona de que forma é que se poderá sensibilizar as pessoas para a “gestão do património mais imaterial, que é o *tempo* (...) e como é que hoje será possível (...) preservar, defender e implementar esse património do tempo, do lazer e da leitura, (do tempo a que a leitura convida?)”³⁵⁸.

Assim, criando uma sala que pretende apelar aos sonhos e à imaginação, num ambiente de encantamento e fantasia, pensámos que dando vida aos livros, o museu poderia contribuir para despertar e estimular nas crianças o gosto pela leitura e fazer recordar aos adultos a sua infância, com as cadernetas dos cromos, os livros de *cow-boys*, das aventuras de *Os cinco*, o *Mosquito*, o *Engenho*, os livros em relevo. Deste modo, surgiu a sala *Brincar é... sonhar*, que nos conta, neste momento, através de placardes e personagens em tamanho real, a história da *Cinderela*. Mais tarde, outras surgirão.

E, porque sabemos que só aprendemos através da acção, como refere o escritor Paulo Coelho, no seu livro *O Alquimista*,³⁵⁹ decidimos criar um espaço que designámos por *oficina* e tem por função proporcionar, por um lado, o encontro entre crianças e idosos, com o objectivo destes lhes ensinarem a construir brinquedos, e das próprias crianças os construírem e, por outro lado, proporcionar às crianças momentos de brincadeira, onde elas possam brincar com diversos brinquedos e jogos, aí colocados para o efeito, encorajando-as a mexer, a experimentar, usar a imaginação, criatividade, porque todos sabemos que é frustrante, para a criança, ver sem poder tocar. Aqui, ela poderá dar largas à sua fantasia, libertar energias, divertir-se.

É, ainda, neste local, que os brinquedos oferecidos ou adquiridos são registados e, eventualmente, restaurados.

Falta-nos referir a sala de exposições temporárias, que assume grande importância no programa do museu, na medida em que permite abordar temas específicos, numa tentativa de transmitir mensagens e perpetuar valores, valorizar as colecções de brinquedos ou expor trabalhos de artistas.

Para a primeira exposição, escolhemos como tema os *Miúdos de Seia*, em colaboração com a Fototeca Municipal. Esta fez uma recolha de fotografias de pessoas desta cidade em situações de jogo ou brincadeira, ou durante a sua infância, que associadas aos brinquedos retratados teve como objectivos, por um lado, permitir algumas comparações entre

³⁵⁸ Cfr. *O Património e os Media*, 2000:42.

³⁵⁹ Paulo Coelho, *O Alquimista*, Editora Pergaminho, 1ª Edição, 1990.

o brinquedo antigo e o moderno - como foi o caso dos triciclos, das bonecas, e dos carros de pedais, de lata e de plástico, movidos a electricidade – e, por outro lado, criar um vínculo com a população local, numa tentativa de demonstrar e relembrar que, efectivamente, em Seia, sempre se jogou e brincou com brinquedos ou sem eles e, por isso, a tradição desta cultura lúdica está fortemente enraizada.

Foi uma exposição que trouxe ao museu milhares de visitantes, que se emocionavam e sensibilizavam ao lembrarem, agora, com 50, 60, 70, 80 anos, que já foram crianças, decerto felizes, e que também brincaram.

Faz parte ainda do seu programa de actuação, o recurso ao exterior, quando o tempo o permite, numa continuidade daquilo que se faz, por um lado, no auditório, com concertos e exposições ao ar livre e outras actividades de índole cultural e, por outro lado, aquilo que acontece na oficina, que é fomentar o diálogo de gerações, através das aprendizagens no domínio das actividades lúdicas, como, por exemplo, jogos tradicionais (*botão, malha, macaca, bilharda, fito, cabra-cega, lencinho*), actividades de ar livre e, dependendo das exposições temporárias, actividades correspondentes ao tema e que se adaptem ao exterior e brincadeiras espontâneas com os brinquedos que aí são colocados.

Ainda no exterior, temos um jardim com a flora característica da Serra da Estrela, da qual faz parte uma árvore centenária em vias de extinção: o *Teixo (Taxus Baccata)*³⁶⁰, onde se irá proceder à classificação destas espécies,³⁶¹ com o objectivo de o incluir no percurso de visita dando a conhecer aos visitantes do museu este Património Natural da nossa região.

³⁶⁰ Esta árvore foi registada pelo antigo proprietário do solar e classificada como Património Nacional. Este factor inclusivamente, teve influência na construção da estrada, uma vez que foi necessário fazer um desvio, para preservar esta árvore. Esta espécie está em vias de extinção na região da Serra da Estrela. Numa área de 100.000 hectares (área do Parque Natural da Serra da Estrela) existem poucos exemplares em estado natural. Esta árvore tem uma baga vermelha (arilo – baga existente apenas nas espécies femininas) que tem a semente por dentro. Os pássaros só comem a parte vermelha que não é venenosa (quem fazia a disseminação do *Teixo* era o pombo torcaz). A substância venenosa (taxol ou taxina), encontra-se apenas na semente, casca e folhas. Na Primavera, e quando havia muitos *Teixos* na serra, as ovelhas comiam a folhagem e morriam, o que levou os pastores a deitarem-nas abaixo. Este facto, associado aos fogos e à dificuldade de reprodução (distância entre árvores “femininas” e “masculinas” - *dióica*) levou a que, actualmente, existam poucos exemplares. No entanto, esta poderia ser uma fonte de riqueza para nós, uma vez que a substância que produz (taxol ou taxina) são atribuídas algumas virtudes como por exemplo, propriedades anticancerígenas. Fonte: Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE).

³⁶¹ Da pesquisa feita pelos técnicos especialistas do CISE, constam as seguintes espécies: *Betula Celtibérica (Betula sp)*, *Tília (Tilia europaea)*, *Folhado (Viburnum tinus)*, *Pseudotsuga ou Pinheiro do Oregon (Pseudotsuga menziesii)*, *Loendro ou Cevadilha (Nerium Oleander)*, *Hera (Hedera Helix)*, *Cipreste Comum (Cupressus sempervirens)*.

Assim, muito embora o projecto de arquitectura se tenha antecipado muito aos programas museológico e museográfico, o que nos levou a ter que efectuar algumas alterações³⁶², para que o museu pudesse cumprir, o melhor possível, as suas funções, o percurso de visita começa pela recepção, onde o público pode visionar o museu na sua globalidade, através de um computador táctil que, inicialmente, nos diz quais são os objectivos da instituição, onde podemos ver a lista dos doadores, e a estrutura do edifício, através das plantas dos dois pisos, com os respectivos espaços e o que se pode encontrar em cada um deles.

Contamos ainda neste piso e antes de entrar nas salas de exposição, com um pequeno centro de documentação, com livros subordinados a diversos temas, como museologia, museus, infância, educação, brinquedos, jogo, literatura infantil e juvenil. O público pode, também, aceder neste espaço a dois computadores com acesso à internet.

O percurso desenvolve-se pelas salas de exposições, como já foi referido, começando por *Conhecer o mundo a brincar; Memórias de infância; Brincar é...sonhar; Portugal. Décadas de brincadeiras; Exposições temporárias*. Contamos com o auditório, a oficina e, por fim, com uma pequena cafetaria, onde está colocado um posto de vendas, que possibilita a todos os artesãos, incluindo a Associação de Artesãos da Serra da Estrela³⁶³, de colocarem à venda brinquedos e objectos lúdicos da sua autoria.

Uma firma local, dando continuidade ao trabalho realizado há cerca de 80 anos, comercializa ainda parte dos brinquedos que temos expostos na sala do *brinquedo português*, feitos com os mesmos materiais e técnicas. Podem também encontrar-se brinquedos de coleccionadores particulares, livros colocados por uma livraria da região e alguns objectos que a Câmara comercializa, com o símbolo do Museu, como *pins*, relógios, *t-shirts*.

Relativamente à organização do museu, não podemos deixar de referir os cuidados que tivemos no que diz respeito ao mobiliário: a escolha de cores neutras, para não interferirem com o colorido dos próprios brinquedos (com excepção da oficina, cafetaria, posto de vendas e casas de banho, onde se tentou criar um ambiente bastante alegre),

³⁶² Houve necessidade de criar espaços que não estavam previstos no projecto de arquitectura: gabinete técnico, reserva, auditório, oficina, com a função de proporcionar actividades lúdicas e construção de brinquedos, espaços interactivos e respectivas instalações com equipamentos informáticos. E, também, necessidade de fazer algumas alterações no que diz respeito à iluminação, instalação eléctrica, segurança dos visitantes, e nas casas de banho, onde tentámos dar um carácter lúdico, que agrada a crianças e a adultos, em termos estéticos e funcionais.

³⁶³ Da qual fazem parte os seguintes concelhos: Gouveia, Seia, Manteigas, Celorico da Beira e Fornos de Algodres.

expositores agradáveis do ponto de vista estético, adequados a todas as faixas etárias, isto é, que possibilitassem uma boa visibilidade às crianças, adultos e visitantes portadores de deficiências³⁶⁴, e polivalentes, para permitirem mudanças e inovações. Previmos, também, a colocação de bancos pelas salas do museu e cadeiras e mesas para a colocação de uma esplanada no Verão, bem como bancos e mesas em pedra e bebedouros espalhados pelo jardim.

Pensamos que a próxima etapa será a recuperação da capela de Santa Rita, que se encontra na fachada do museu e a qual deu o nome ao solar.

Assim nasceu e foi estruturado o Museu do brinquedo em Seia, instituição que se destina a todas as faixas etárias, sem finalidades lucrativas e ao serviço da sociedade, que pretende:

- Valorizar um período da nossa vida que é fundamental para o desenvolvimento global do ser humano: a infância;
- Valorizar a actividade lúdica e o direito de brincar;
- Preservar a memória dos jogos, brinquedos e brincadeiras;
- Promover actividades de envolvimento com a população;
- Estudar, conservar, expor e comunicar o património cultural e o património natural;
- Tornar-se num espaço de cultura, educação e lazer.

³⁶⁴ Neste caso, embora o edifício não tenha sido construído de raiz, mas sim adaptado, como já referimos, o arquitecto teve alguns cuidados, com a instalação de um elevador e rampas em todas as salas do museu.

2 - AMOSTRA

A amostra é constituída por dois grupos diferentes, crianças e adultos, como se nota na tabela I:

Tabela I

Constituição da amostra

Grupos	N	%
Crianças	60	37.5
Adultos	100	62.5
Total	160	100

Como se nota, integram a amostra 160 sujeitos, reunidos em dois grupos diferenciados pela idade. Passamos, em seguida, a caracterizar, em separado, cada um dos grupos amostrais.

2.1. GRUPO DE CRIANÇAS

Este grupo é constituído por 60 crianças de ambos os sexos, com idade compreendida entre os 4 e os 14 anos, com uma idade média de 9 anos, que habitam e estudam (ou frequentam instituições de Educação Pré-escolar) em diversas localidades do país e visitaram o Museu do Brinquedo de Seia.

Na tabela II podemos verificar a constituição do grupo amostral, tendo em conta o sexo biológico das crianças que o integraram:

Tabela II
Constituição do grupo de crianças (sexo)

Feminino		Masculino	
N	%	N	%
33	55	27	45

No gráfico 1, que permite uma visualização mais rápida dos dados apresentados na tabela, verificamos que há uma aproximação entre os totais das crianças do sexo feminino e do sexo masculino.



Gráfico 1 - Sexo das crianças

A tabela III apresenta as classes etárias das crianças pertencentes à amostra.

Tabela III
Classe etária das crianças

Classe etária	N	%
≤ 5 anos	7	11.7
6 - 10	40	66.7
11 -14	13	21.6
TOTAL	60	100

Como se verifica, 66.7% das crianças têm uma idade compreendida entre os 6 e os 10 anos, 21.6% entre 11 anos e 14, sendo apenas 11.7% os que têm 5 anos ou menos.

O gráfico 2 ajuda a perceber a constituição da amostra tendo em conta os grupos etários dos sujeitos que a integram.

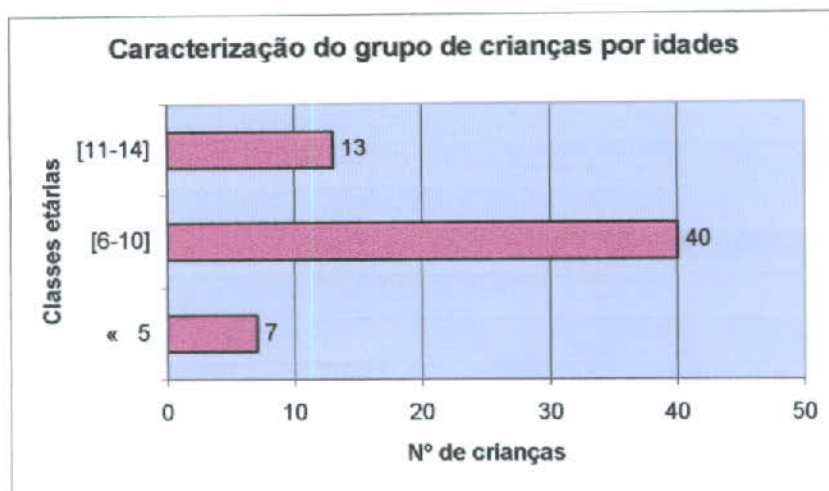


Gráfico 2 - Idade das crianças

Passemos agora a analisar a constituição do grupo de crianças atendendo ao ano escolar que frequentam. Como poderemos apreciar pela análise da tabela IV, grande parte das crianças que integram a amostra frequenta o 4º ano de escolaridade, ou seja, o último ano do 1.º ciclo do Ensino Básico (28.4% do total); os restantes 71.6% estão distribuídos pelo nível pré-escolar (Jardim de Infância – J.I.) e pelos 1º, 2º, 7º, 8º e 9º anos de escolaridade.

Notamos, ainda, na referida tabela, que os alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico (i.e., do 7.º, 8.º e 9.º anos) não chegam a atingir, em qualquer dos anos de escolaridade, a frequência relativa de 7%, ao passo que os utentes de instituições pré-escolares e alunos do 2.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade registam valores percentuais iguais ou ligeiramente superiores a 10%.

Tabela IV

Ano de Escolaridade

Ano	N	%
0 (J. I.)	7	11.7
1º	3	5.0
2º	6	10.0
3º	5	8.3
4º	17	28.4
5º	8	13.3
6º	6	10.0
7º	4	6.7
8º	2	3.3
9º	2	3.3
TOTAL	60	100

A leitura do gráfico 3 possibilita a percepção da distribuição relativa dos sujeitos do grupo amostral pelos anos de escolaridade frequentados.

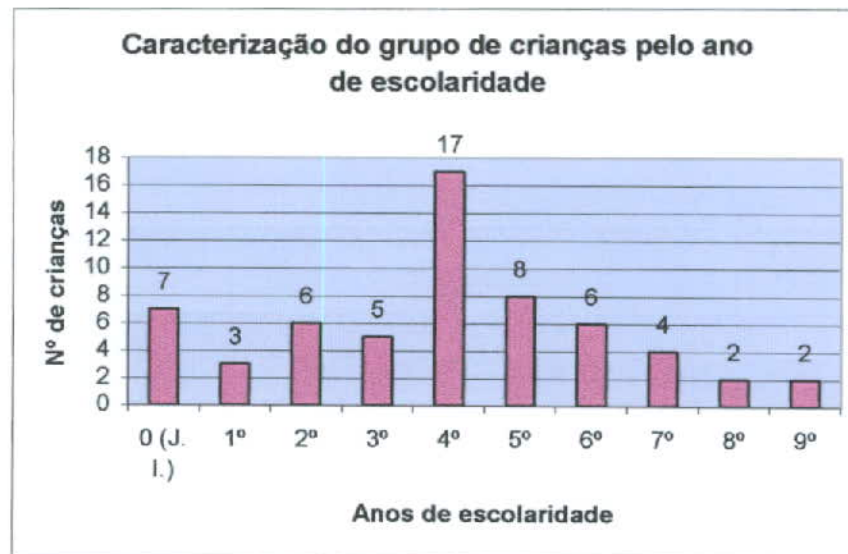


Gráfico 3 - Anos de Escolaridade

Passemos agora a considerar o nível de frequência do Museu do Brinquedo. Para o efeito, foi perguntado a cada uma das crianças se era ou não a primeira vez que vinham ao Museu, sendo os resultados dessa questão apresentados na tabela V: